

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**ALEXANDRE FERNANDES ALVES**

*A CAVALARIA NOS CONTOS DA CANTUÁRIA*: Possibilidades de leitura dos contos do  
Cavaleiro e do Escudeiro na obra de Geoffrey Chaucer

Porto Alegre

2016

Alexandre Fernandes Alves

*A CAVALARIA NOS CONTOS DA CANTUÁRIA*: Possibilidades de leitura dos contos do Cavaleiro e do Escudeiro na obra de Geoffrey Chaucer

Trabalho de conclusão de curso de caráter parcial, visando a obtenção do título de licenciado em História e apresentado para banca examinadora do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira

Porto Alegre

2016

Alexandre Fernandes Alves

*A CAVALARIA NOS CONTOS DA CANTUÁRIA*: Possibilidades de leitura dos contos do Cavaleiro e do Escudeiro na obra de Geoffrey Chaucer

Trabalho de conclusão de curso de caráter parcial, visando a obtenção do título de licenciado em História e apresentado para banca examinadora do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Dra. Carolina Coelho Fortes – UFF

---

Me. Odir Mauro da Cunha Fontoura – PPGH/UFRGS

---

Dr. Igor Salomão Teixeira – UFRGS. Orientador

Porto Alegre

2016

## AGRADECIMENTOS

A minha experiência como aluno de licenciatura em História pela UFRGS, foi, em suma, muito gratificante. Consegui assimilar conhecimentos de diferentes áreas, testemunhando diferentes pontos de vista, explicitados por docentes e, acima de tudo, por meus colegas e amigos.

Em virtude destes incríveis anos nos quais fui aluno do curso de História, começo agradecendo aos meus pais, Fernanda e Alexandre, que sempre me deram todo o apoio do qual precisei, especialmente apoio emocional, como também me concederem o privilégio de ter recebido uma educação de qualidade, o que não é do acesso da maioria dos brasileiros. Mãe e pai, este trabalho não é nem o mínimo em comparação ao quanto lhes devo e ao quanto vocês são importantes para mim.

Tenho a oportunidade de ter duas irmãs incríveis, de personalidades e gostos diferenciados, mas que de forma igual ocupam o meu coração. À Carolina, minha irmã mais velha, muito obrigado por estudar junto comigo, por ter cuidado de mim no colégio e por sempre ser este modelo de profissional o qual quero seguir. À Amanda, te agradeço muito pelas risadas (mesmo depois de muitos desentendimentos), pelos filmes do Harry Potter assistidos incontáveis vezes, pelas ajudas com o inglês em meus trabalhos e por me dar o privilégio de te ver crescer ao longo dos teus dezoito anos. Também quero frisar minha gratidão ao meu cunhado, Bruno Pastoriza, que antes eu não gostava, mas que me ajudou dizendo para eu acordar para a vida e me comprometer a estudar para passar no vestibular.

A meu tio Anselmo e à minha tia Kátia, vocês são como meus pais e muito do que melhorei como pessoa devo aos seus conselhos e afeto. Muito obrigado por tudo, muito obrigado pelos puxões de orelha, pelas visitas ao saudoso apartamento 306, pelas inúmeras risadas, pelas idas ao cinema e muitas outras experiências que guardarei para sempre comigo. Felipe e Matheus, também não tenho palavras para descrever o quão importantes vocês sempre vão ser para minha vida, meus sinceros agradecimentos para vocês, por ficarem acordados até tarde junto comigo, seja jogando, vendo televisão ou contando piadas engraçadas, para nós, e sem sentido, muito obrigado mesmo meus irmãos.

Também agradecerei muito ao meu amigo de infância, Pietro Merola, que para mim é um ser humano incrível e um exemplo de vida que pretendo seguir; quem diria que aqueles dois meninos que em um primeiro momento não se deram bem, seriam grandes amigos? O que tenho certeza é que a tua amizade é muito valiosa pra mim e que tua ajuda em relação ao meio acadêmico que tu me deste vai ser sempre lembrada.

A meu tio Anderson, muito obrigado pelas ajudas nas provas e trabalhos de História (me salvando inclusive de recuperações); obrigado também por matar as aranhas para mim no Resident Evil (enquanto eu tapava meus olhos de medo); te agradeço pelos inúmeros churrascos épicos que tu proporcionou para mim e para a família. Mas, principalmente, te agradeço muitíssimo por ser sempre esse tio super brother, animado e gente boa.

Meus avôs, Telmo Alves e Zildo Carboni, por serem sempre a voz da experiência em muitos assuntos da vida, especialmente no futebol e em suas inúmeras viagens, muito obrigado por me proporcionarem variadas histórias, na maioria engraçadas, e também por sempre estarem presentes na minha vida. À minha avó Alice, muito obrigado pelos remédios às escondidas, pelos conselhos, pela comida deliciosa, pelas visitas aqui em casa e especialmente, por me ver mais do que como neto, e sim como um filho.

Por muito tempo me considerei uma pessoa introvertida, com muita dificuldade em fazer amigos, especialmente em virtude de uma experiência ruim no ensino fundamental. Todavia, quando tive a oportunidade de ingressar na Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus, minha vida mudou quando conheci aqueles que são até hoje (e serão sempre) meus grandes amigos.

Sinceramente, eu não sei o que faria, e nem o que seria, se não tivesse conhecido o Franco Frassanito Wolff e o Felipe Del Pino. Franco, te agradeço muito pelos desenhos na época do ensino médio, por conversar comigo dizendo que também curte Cavaleiros do Zodíaco, pelas partidas de RPG as quais tu narraste e por sempre estar presente para opinar sobre meus trabalhos, sempre arrumando um jeito de me tranquilizar. Felipe, sinceramente fiquei muito feliz em ter você como colega por três anos de ensino médio, e depois como amigo após o colégio. Meu caro, te agradeço do fundo do meu coração por ser sempre esse amigão, por dar conselhos acadêmicos, por rir junto comigo, por ser inúmeras vezes o realizador das reuniões dos amigos, por me tirar de momentos nos quais eu me encontrava triste e me sentia a pior pessoa do mundo, meus sinceros e queridos agradecimentos pra ti meu amigo.

Claro que não posso esquecer o Luiz Zanella, pelas inúmeras resenhas futebolísticas, e pela amizade que talvez tenha começado por um óculos entortado (por mim) e que continua até hoje. Amizade duradoura que também vale para o Wagner, o Gustavo e o César, vocês são grandes amigos que muitas pessoas gostariam de ter. Quero agradecer também à minha amiga, e sempre fofa, Caroline Rennhack, por sempre estar presente quando preciso desabafar, seja alegria ou tristeza, agradeço muito por você ser sempre esta pessoa legal e querida. Também preciso demonstrar minha gratidão para com o Lucas Oliveira, que sempre

me mandava estudar para o vestibular, tudo para que eu não me sentisse mal por uma eventual reprovação.

Fico feliz quando lembro que na faculdade construí muitas amizades, com pessoas incríveis. Muito obrigado ao mítico Bonde do Sagu e seus integrantes: Gabriel Fagundes (que conheço desde a entrega dos documentos), Gustavo Ziel, Deiner Lucian, Guilherme Soares, Rafael Dalla Corte e Eduardo Sabin, valeu pelos trabalhos em grupos, jogos de sinuca, discussões futebolísticas e o companheirismo de sempre.

Também na faculdade conheci a Letícia, a Natália, o Lucas Klein e o Gabriel Dalagna. Vocês contribuíram muito em tornar feliz minha vida na universidade. Muito obrigado pelo tempo que passamos juntos no pátio do IFCH, tentando pegar o sol em dias frios e nos escondendo dele no calor do verão.

Quero agradecer também ao meu orientador, Igor Salomão Teixeira, que me ajudou em minha pesquisa, tirando um piano das minhas costas e me fazendo ter certeza de que a Idade Média é meu lugar. Muito obrigado professor, por ser sempre atencioso em relação às minhas dúvidas e, acima de tudo, pelo privilégio que tu proporcionaste ao deixar que eu apresentasse meu trabalho em um evento organizado por você. Não quero me gabar disto é claro, mas, tenho certeza de que nunca vou esquecer estas oportunidades e das aulas que tu lecionaste.

Todavia, a vida de estudante universitário não é sempre alegre e descontraída; diversos percalços aparecem, e estes abalam a confiança e os sonhos profissionais. No entanto, me considero extremamente privilegiado de ter conhecido, em 2014, uma pessoa muito especial em minha vida, e que sinceramente não tenho palavras para descrever o quanto ela significa para mim, e esta pessoa é tu: Gabrielle Marques.

Gabi, quero te agradecer por sempre confiar em mim. Tu fizeste com que eu me enxergasse com mais importância e capacidade para alcançar meus objetivos. Muito obrigado por estar junto comigo; obrigado pelo dia 16 de abril de 2014, o qual significa muito para mim, obrigado pelo dia 20 de maio de 2014, o qual também nunca vou esquecer e em especial, pelo maravilhoso dia de 20 de maio de 2016. Muito obrigado por me dar amor e por ser sempre ser uma companheira incrível, seja dando sermões ou falando palavras de carinho. O que realmente quero te dizer é que fico muito feliz por tu ser parte da minha vida e por me fazer feliz por todos os dias, e este trabalho, assim como tudo que conquistei de bom na graduação, não seria possível sem a tua ajuda, tua personalidade e o teu carinho, muito obrigado.

## RESUMO

Esta pesquisa possui o intuito de estabelecer possibilidades de leitura da cavalaria nos *Contos da Cantuária* de Geoffrey Chaucer. Esta obra possibilitou, no início desta pesquisa, que o século XIV e sua crise sociopolítica fosse percebida como recorte cronológico. Dentre os subsídios para cumprir o objetivo deste trabalho estão: a discussão sobre particularidades dos manuscritos dos contos de Chaucer, e como repercutem nas traduções utilizadas neste trabalho; estabelecer referencial teórico que entenda o Cavaleiro e Escudeiro como materializações no âmbito histórico e literário-narrativo e também a análise da configuração dos dois personagens no Prólogo e na narrativa de seus respectivos contos. A tradução para o português brasileiro será problematizada em quesitos de estrutura e organização dos contos, fatores importantes para a compreensão da continuidade da narrativa de Chaucer. Também pode ser encarado como objetivo deste trabalho, a “negociação” entre a arte literária e a história, igualando em importância estas duas áreas.

**Palavras-chave:** Geoffrey Chaucer; cavalaria; século XIV; narrativa; tradução; manuscritos.

## ABSTRACT

This research has the objective of establishing possibilities to understand the knighthood in *The Canterbury Tales*, by Geoffrey Chaucer. This piece made possible, in the beginning of this research, that the fourteenth century and its social and political crisis were perceived as time context. Among the resources to fulfill this research's goal are: the debate about the differences between the manuscripts from Chaucer's tales, and their influence in the translations used on this research; to establish theoretical material that can comprehend the Knight and the Squire as manifestations on both the historical and literary/narrative scenarios and also the analysis of the configuration of these two characters in the Prologue and in the narrative on each of their tales. The translation to Brazilian Portuguese is going to be analysed in the subjects of structure and organization of the tales, which are important factors to comprehend the continuity of Chaucer's narrative. It can also be perceived as an objective of this work, the "negotiation" between literary art and history, making these two areas equal in importance.

**Keywords:** Geoffrey Chaucer; knighthood; fourteenth century; narrative; translation; manuscripts.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. Contextualizando Geoffrey Chaucer e a compilação dos Contos da Cantuária.....	6
1.1 O contexto cultural, social e político da época de Chaucer.....	6
1.2 Os primeiros manuscritos dos <i>Contos da Cantuária</i> e suas particularidades.....	8
1.3 A apropriação do nome de Chaucer na escrita.....	15
CONCLUSÃO.....	16
2. O formato das traduções e as funções presentes na narrativa dos <i>Contos da Cantuária</i> .....	18
2.1 Estrutura e organização nas traduções do inglês médio e em português.....	18
2.2 A relação entre a História e a arte literária manifestada pelos peregrinos de Chaucer...22	
CONCLUSÃO.....	26
3. A situação da cavalaria nos <i>Contos da Cantuária</i> : semelhanças e particularidades do Cavaleiro e do Escudeiro no conjunto da narrativa e suas relações com outros personagens .28	
3.1 Miles, knight-rider, horseman e knight. Como a noção de cavaleiro adquiriu forma na política e na literatura da Inglaterra medieval.....	28
3.2 Pai e filho são iguais? Apresentação e narrações feitas pelo Cavaleiro e o Escudeiro no conjunto dos <i>Contos da Cantuária</i> .....	33
3.3 Projeção histórica do Cavaleiro e do Escudeiro a partir de suas interações com outros peregrinos.....	44
CONCLUSÃO.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

## INTRODUÇÃO

A cavalaria medieval atrai diversos segmentos da cultura ocidental, seja no ramo do entretenimento ou do âmbito acadêmico. A literatura mais voltada para fora do meio acadêmico (sem se fazer neste trabalho qualquer ação de hierarquização) trabalha, em muitos casos, com a ressignificação de mundo para constituir sua narrativa. Seus personagens são inseridos no contexto histórico que fundamenta o pano de fundo do enredo, utilizando sempre que possível o elemento mitológico na construção da obra.

A literatura medieval possui como uma de suas características mais fortes, a expressão de diferentes temáticas. Por intermédio da interação entre diferentes personagens, estas temáticas se reproduzem na obra de forma interligada na construção de sua totalidade, sem deixar em segundo plano as particularidades e individualidades dos personagens no conjunto da produção. *Os Contos da Cantuária*, de Geoffrey Chaucer, representam esta característica de multiplicidade de temáticas e relações de diálogo, mostrando-se como documento histórico valioso para compreendermos o século XIV na Inglaterra, com especial enfoque na cavalaria.

Por intermédio da leitura dos *Contos da Cantuária*, este trabalho terá como intuito analisar as possibilidades de leitura dos contos do Cavaleiro e do Escudeiro, alçando a literatura medieval como fonte histórica de pesquisa, colocando os “holofotes” sobre estes dois personagens, e como estes podem ser entendidos na totalidade da obra de Chaucer. No entanto, algumas características idealizadas, como o heroísmo e os mitos, estão presentes nestes dois contos e no Prólogo da obra, repercutindo em nossa compreensão sobre a cavalaria no século XIV.

Na busca de conciliar literatura e história para esta produção acadêmica, torna-se necessário também o estudo de historiadores acerca do tema cavalaria. Em especial como este corpo de guerreiros adquiriu o *status* de agente dominador das relações de coerção física e o contexto que os permitiu ascenderem politicamente.

As formas de recrutamento e disciplina fundamentais para que estes combatentes pudessem se reproduzir enquanto ordem dominante também precisa ser analisada. A produção historiográfica de Alain Demurger, *Os Cavaleiros de Cristo*, vai ao encontro desta necessidade ao fornecer estudos de caso sobre a formação e consolidação de diferentes ordens de militares através da Europa, mostrando seus principais mecanismos de ascensão (política, cultural e patrimonial), suas regras e áreas de influência.

Contudo, Demurger não atende em maior escala às demandas deste trabalho devido à quase inexistente abordagem do contexto da cavalaria inglesa em seu estudo de caso e

também (não sendo encarado como demérito) por não abordar produções de literatura medieval inglesa. Portanto, as produções de Jean Flori<sup>1</sup>, Hilário Franco Júnior<sup>2</sup> e Jacques Le Goff<sup>3</sup> despontam como importantes ferramentas para a compreensão de lógicas da cavalaria no cenário histórico e também literário.

Tendo em vista a leitura e problematização dos contos e dos personagens escolhidos para análise (e muitas de suas nuances), nesta tese, Geoffrey Chaucer será contextualizado em termos de cronologia – sendo uma diretriz deste trabalho historiográfico situar o autor como agente histórico e intelectual do século XIV. Como importante questão que também permeará esta produção, consiste na demonstração de pontos da realidade de Chaucer que foram “transportados” e utilizados na elaboração de seus contos.

Indo ao encontro da questão acerca da realidade literária, é crucial que junto à contextualização do autor sejam realizados alguns estudos de caso do cenário da cavalaria, suas relações de dominação física, política, religiosa e financeira na Europa do período. Novamente, Alain Demurger será utilizado como bibliografia, nos beneficiando de seus variados estudos sobre como a cavalaria conseguiu se reproduzir como ordem através do continente europeu, não estudando a cavalaria inglesa de forma isolada.

Há o argumento, compartilhado nessa pesquisa, de que a literatura, enquanto documento histórico, possui o mesmo impacto em relação à o que um(a) historiador(a) considera como fonte primária. Para os estudos medievais, a análise de manuscritos constitui-se em item crucial no quesito de análise literária. Questões como: o alfabeto do escriba, o idioma (latim ou vernacular; neste caso o inglês), estado de conservação do suporte, glosas, cores das letras e estrutura do texto são vestígios do passado bastante eficientes, servindo como indicadores de questões financeiras, culturais e autorais.

A coleção de Norman Blake dos manuscritos dos Contos da Cantuária<sup>4</sup> configura-se como recurso digital importante, utilizando de forma bastante interativa seu acervo documental, disponibilizando-o para que o pesquisador possa tecer comparações entre diferentes formas nas quais os manuscritos podem aparecer. Infelizmente, esta ferramenta

---

<sup>1</sup> FLORI, Jean. *Guerra Santa: Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Campinas, Editora Unicamp, 2013.

<sup>2</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Deum circum, cujus est ubisque, circumferentia nusquam: a Távola Redonda, síntese da utopia cavaleiresca*. In: MONGELLI, Lênia Márcia. *E fizerom taes maravilhas: Histórias de Cavaleiros e Cavalarias*. Cotia, Ateliê Editorial, 2012.

<sup>3</sup> LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso quotidiano no ocidente medieval*. Editora 70 Lda., Lisboa. 1983.

<sup>4</sup> BLAKE, Norman. *The Norman Blake Editions of the Canterbury Tales*. The Multitext Edition. In: [www.chaucermss.org/multitext](http://www.chaucermss.org/multitext). Infelizmente, este site encontra-se, no momento da redação deste trabalho de conclusão, fora do ar, abrindo espaço para a aproximação a outras bibliografias.

encontra-se indisponível, ocasionando uma mudança de bibliografia e de escrita deste trabalho.

É a partir destas distinções estruturais que emerge no âmbito da produção textual, a questão da autoria. Com o intuito de estabelecer debate historiográfico os *Contos da Cantuária* não serão apresentados sob o viés de uma narrativa linear. Ao invés disto, Cavaleiro e Escudeiro serão estudados levando em consideração as variedades dos manuscritos, em termos de escrita narrativa e compilação da obra, e como estes reproduzem o ideal de cavalaria para Chaucer.

Guy Thuillier e Jean Tullard afirmam que “a história não existe sem o documento e sem a crítica do documento”<sup>5</sup>, onde os manuscritos medievais são encaixados como a fonte de grande relevância. Encarando a importância do manuscrito como fonte, torna-se crucial a crítica dos limites teóricos e metodológicos dos referenciais utilizados nesta tese, colocando em foco o debate de diversos autores sobre os *Contos da Cantuária* assim como os pontos de divergência percebidos mediante a leitura.

Continuando a reflexão sobre a crítica dos referenciais teóricos, é importante frisar a função da língua vernácula como vetor de difusão da obra de Chaucer. As línguas consideradas vulgares tiveram grande contribuição para o conhecimento literário em uma conjuntura de pouco acesso à escrita e grandes índices de analfabetismo, possibilitando o uso da oralidade como veículo de difusão e apropriação do conteúdo literário medieval por parte das massas.

Entretanto, seria um equívoco construir a análise sobre a literatura medieval em língua vernácula “acorrentada” a o território inglês. É necessária a compreensão da oralidade como fator importante para a circulação cultural da obra para fora do limite geográfico da Inglaterra, para a recepção da produção internamente e externamente e mais importante, é pertinente que se entenda o papel das línguas “vulgares” e da oralidade também no âmbito da compilação dos *Contos da Cantuária*.

Um obstáculo presente nesta pesquisa, quando se trata de referencial teórico sobre cavalaria, é a maior quantidade de traduções para o português sobre a cavalaria francesa, gerando uma busca em bibliografias de língua inglesa sobre Geoffrey Chaucer. A revista *The Chaucer Review*, fundada em 1966 e atualmente com publicação realizada pela Penn State University, trata sobre a poética de Chaucer, com ênfase no contexto político do autor, a

---

<sup>5</sup>THUILLIER, Guy; TULLARD, Jean. *Cómo preparar un trabajo de história* (métodos e técnicas). Barcelona: Oikos-tau, 1989. p.10.

linguagem e sua estética de poesia<sup>6</sup>. Este “*journal*” também realiza publicações de artigos sobre literatura medieval, filosofia, teologia e mitografia, trazendo conteúdo enriquecedor para este trabalho de pesquisa diferentes autores e seus respectivos referenciais em relação à os manuscritos dos Contos e suas variações.

Como autores importantes com produções na *Chaucer Review* estão: Simon Horobin e James D. Johnson. Horobin, possui dois artigos muito importantes para a compreensão das condições de autoria e compilação dos *Contos da Cantuária*, sendo os seguintes: *Adam Pinkhurst, Geoffrey Chaucer and the Hengwrt Manuscript of the Canterbury Tales*<sup>7</sup> e *Compiling the Canterbury Tales in Fifteenth Century Manuscripts*<sup>8</sup>.

Horobin explicita diferenças existentes em manuscritos, e como teriam sido realizadas cópias dos documentos mais antigos. James Johnson no seu artigo, *Walter Skeat’s Canterbury Tale*, consegue expor ao leitor a construção da tradução consagrada feita por Walter William Skeat do Inglês médio, que serviu de base para a versão em português utilizada neste trabalho.

*Os Contos da Cantuária* alçaram Geoffrey Chaucer ao status de “pai da literatura inglesa”. Entretanto, é necessário entender como este título foi atribuído ao autor, e as condições que possibilitaram este feito e se tal realização ocorreu na época na qual o poeta produzia, ou após sua morte. Para este intento, o artigo de David R. Carlson, *Chaucer, Humanism and Printing: Conditions of Authorship in Fifteenth Century England*, demonstra como a imprensa contribuiu para aumentar o renome de Geoffrey Chaucer.

Este trabalho se dividirá em três momentos: contextualização da época de Chaucer e as condições de autoria e compilação dos *Contos da Cantuária*; a estruturação das traduções desta obra e, em terceiro, a análise dos contos do Cavaleiro e do Escudeiro, com ênfase na materialização destes personagens enquanto modelos históricos e literários.

Em virtude da multiplicidade temática dos *Contos da Cantuária*, sua narrativa não possui um caráter linear, configurando seus personagens com intensa complexidade. Esta característica nos permite perceber pontos em comum entre história e literatura, direcionando-nos para o debate de Roger Chartier acerca da importância da interrelação entre literatura e história<sup>9</sup>.

A relação entre arte literária e a história é parte fundamental para a construção deste trabalho, que entende a literatura em igualdade com a história. Seguindo por este caminho,

<sup>6</sup>THE CHAUCER REVIEW. Penn State University

<sup>7</sup> HOROBIN, Simon. *Adam Pinkhurst, Geoffrey Chaucer and the Hengwrt Manuscript of the Canterbury Tales*. In: The Chaucer Review, volume 44, n°4. Penn State University Press, 2010.

<sup>8</sup> IDEM. *Compiling the Canterbury Tales in Fifteenth Century Manuscripts*. In: The Chaucer Review, volume 47, número 4. Penn State University Press, 2013.

<sup>9</sup>CHARTIER, Roger. *Literatura e História. Topóti*. Vol.1. Ano 1, número 1, 2000.

este trabalho irá propor possibilidades de leitura da cavalaria em Chaucer, com o intuito de entender a configuração deste grupo na Inglaterra do século XIV, sempre frisando desvios destes ideais de cavalaria que se encontram presentes nos *Contos da Cantuária*.

A partir desta situação, a cavalaria será o vetor que permitirá a este trabalho operar com a realidade histórica e literária, e como estas abordam a cavalaria por meio da escrita, da língua e da oralidade. Também é necessário entender a contribuição positiva de mitos e outras características idealizadas, como o amor cortês e características míticas, como fatores impactantes na compreensão da época de escrita e compilação dos Contos da Cantuária de Geoffrey Chaucer.

## 1. Contextualizando Geoffrey Chaucer e a compilação dos Contos da Cantuária

### 1.1 O contexto cultural, social e político da época de Chaucer

Para entendermos a obra é necessário tomar conhecimento sobre alguns aspectos da trajetória de seu autor como agente histórico e político, assim como sua posição no cenário da sociedade inglesa de sua época, evidenciando alguns fatores que permitiram sua ascensão como expoente cultural inglês. Estando esta ascensão como poeta influente, configurada após sua morte, e aprofundada posteriormente neste capítulo.

A Inglaterra durante o século XIV foi palco de grandes confrontos políticos que se propagaram em ampla escala territorial. Conflitos com País de Gales e Escócia na questão de política externa, os barões propondo limitações aos poderes da Coroa e, por conseguinte aumentando seus níveis de influência; foram, segundo Paulo Vizioli, se acelerando no decorrer do século XIV<sup>10</sup>.

Também foi cenário de atritos com a Igreja de Roma e a ascensão do Papado de Avignon (1307), acompanhada por rumores de um clero corrompido que foi gerador de reações anticlericais no território inglês. Todavia, os acontecimentos que talvez marcaram com maior impacto a “época de Chaucer” sejam a Peste Negra e a Guerra dos Cem Anos.

O impacto da peste bubônica na Inglaterra contribuiu não apenas para a grave redução do contingente populacional na Europa do século XIV. Também contribuiu de forma negativa para caracterizar a geração do autor como possuidora de um forte pessimismo, onde a presença da morte gravitava no cotidiano e no imaginário de grande parte da população, ceifando aproximadamente um terço da população do continente europeu.

Geoffrey Chaucer pode ser vinculado com grande profundidade com a Guerra dos Cem anos. A melhor forma de iniciar a explicação de tal vínculo é caracterizar brevemente o reinado Eduardo III (1327-1377), e este rei como soberano que concedeu muitos privilégios à nobres, aumentou intercâmbios, exportações e desenvolvimento de cidades, aliado a um forte nacionalismo que desencadearia futuramente a Guerra dos Cem Anos<sup>11</sup>.

Há um déficit documental significativo acerca da constatação da vida de Chaucer; contudo, Vizioli estima que o poeta tenha nascido em 1342 e falecido em 1400. Mesmo com poucos dados biográficos encontrados sobre o autor, é possível estabelecer um consenso entre o texto de Paulo Vizioli e o dicionário biográfico de John William Cousin sobre parte da

---

<sup>10</sup> VIZIOLI, Paulo. In: CHAUCER, Geoffrey. *Os Contos de Canterbury*. Tradução: Paulo Vizioli. São Paulo, Editora 34. 2014. p.7.

<sup>11</sup> IDEM, Ibidem. p.8.

trajetória de Chaucer. Cousin escreve que Chaucer lutou pelos ingleses na Guerra dos Cem Anos em 1359, aos dezessete anos de idade, sendo mantido prisioneiro pelos franceses, e resgatado em 1360 por Eduardo III<sup>12</sup>.

Cousin e Vizioli convergem que Geoffrey Chaucer era filho de um influente negociante, próximo da Corte, o que facilitou seu ingresso na realeza inglesa ao tornar-se funcionário de Eduardo III em aproximadamente 1357 (segundo Cousin). Referente à formação acadêmica de Chaucer, pouquíssimas fontes são encontradas sobre este assunto.

John William Cousin coloca a hipótese de que o poeta tenha atendido, em algum momento de sua juventude à algum curso universitário. Enquanto estava situado no círculo nobiliárquico, Chaucer pôde aprimorar seu nível de instrução em outros polos culturais acessíveis para a Coroa, também acumulando títulos como Cavaleiro do Condado de Kent (1386) e Funcionário dos Ofícios do Rei (1389)<sup>13</sup>.

As relações de Chaucer com a nobreza da Inglaterra puderam ser aprofundadas devido à seu casamento com Phillipa, dama de companhia da esposa de John de Gaunt, o duque de Lancaster. Chaucer exercia a função de pajem de Lionel, filho de Eduardo III, e o casamento com Phillipa conferiu estabilidade financeira para o poeta (segundo Vizioli), possibilitando maior disponibilidade para trabalhar nos *Contos da Cantuária* e em *Troillus e Criseyde*.

No entanto, quando seu patrono John de Gaunt estava em querela com seu irmão, Gloucester, Chaucer enfrentou tempos de penúria, com suas pensões reais cortadas (o irmão de John cuidava do governo na época). Contudo, com a ascensão de Ricardo II, e depois de Henrique IV, suas pensões foram restauradas, permitindo que o autor adquirisse a propriedade da Abadia de Westminster, local onde viria a morrer no ano de mil e quatrocentos<sup>14</sup>.

A Guerra dos Cem Anos e a Peste Negra moldaram o cotidiano da época de atuação de Chaucer enquanto poeta e funcionário da Coroa. Entretanto, a complexidade de Geoffrey Chaucer possui igual proporção à os eventos históricos de seu tempo, e com o intuito de encarar a obra com maior coesão, é necessária a abordagem de alguns aspectos da Guerra dos Cem anos que influenciaram na escrita dos *Contos da Cantuária*.

Uma forma de estabelecer vínculo entre Chaucer e o conflito contra a França, é justamente devido à influência que o país rival teve sobre a Inglaterra. Paulo Vizioli argumenta que houve por parte dos ingleses um interesse muito maior em solo e francês,

---

<sup>12</sup>COUSIN, John William. *A Short Biographical Dictionary of English Literature*. The Project Gutenberg Ebook. In: <http://www.gutenberg.org/files/13240/13240-h/13240-h.htm>. Acesso no dia 10/10/2016.

<sup>13</sup>IDEM, Ibidem

<sup>14</sup>IDEM, Ibidem



datando da conquista normanda levada a cabo por Guilherme, o Conquistador em 1066, prolongando-se por todo o período Angevino inglês e Plantageneta<sup>15</sup>.

Partindo deste referencial, podemos transcender da influência dinástica da Guerra dos Cem Anos para a influência cultural que mostrou grande impacto na ascensão e consolidação do Chaucer poeta: a língua francesa, que fora por muito tempo a língua da própria Coroa inglesa. Como mencionado anteriormente, Chaucer lutou contra os franceses e fora feito prisioneiro, tomando contato com o idioma.

O inglês “ressurgiu” como língua da maioria durante o período Angevino inglês mas herdou traços do francês como a contagem silábica e rimas. Chaucer se encaixa neste quesito quando à ele é atribuída uma fase francesa, onde o autor traduziu *Roman de la Rose* e escreveu o *Livro da Duquesa* (1369-70)<sup>16</sup>.

As influências externas às ilhas britânicas vão ao encontro da situação de Chaucer como funcionário da Corte, e o grande acesso que este teve a outros centros culturais, estando as cidades do norte da Itália dentro deste repertório cultural do autor. Robert R. Edwards argumenta que muitos dos recursos poéticos de Chaucer possuem embasamento sociopolítico e cultural, relacionando os seguintes contos como parte do imaginário do poeta sobre a Itália: Conto do Estudante, o do Mercador, o do Magistrado e o Conto da Freira.<sup>17</sup>

Não há consenso sobre quando Chaucer começou a escrever os Contos da Cantuária. Sobre esta questão Cousin e Vizioli apresentam datas diferentes, 1373 e 1386 respectivamente. A data de início destes contos é apenas um dos problemas que se apresentam em um trabalho de pesquisa sobre Chaucer, sendo fundamental focar a atenção na forma da escrita e organização dos documentos selecionados, assim como o estado físico do suporte para que haja um debate historiográfico consistente.

## 1.2 Os primeiros manuscritos dos *Contos da Cantuária* e suas particularidades

Ao apresentar um panorama geral sobre a edição de 2014 dos *Contos da Cantuária*, Paulo Vizioli, identifica o emprego de métodos retóricos, a flexibilidade métrica, os trocadilhos, a ironia verbal, ironia dramática e a atitude objetiva recursos de escrita utilizados por Chaucer<sup>18</sup>. No entanto, o autor coloca sob nossa leitura a hipótese de que o poeta não seguiu seu planejamento original na escrita dos contos, sustentando sua teoria por intermédio

<sup>15</sup>VIZIOLI, Paulo. op.cit. p.7.

<sup>16</sup>IDEM, Ibidem. p.9.

<sup>17</sup>BARR, Jessica; JAGER, Katharine W. *Later Medieval: Chaucer*. In: *The Year's Work in English Studies*, Annual, 2011, Vol.90. p. 281.

<sup>18</sup>VIZIOLI, Paulo. op.cit., p.14.

da não finalização de dois contos: do Escudeiro e do Cozinheiro sem que Chaucer tivesse tempo de fazer um exercício de revisão<sup>19</sup>.

Márcia Maria Medeiros contribui para que o leitor entenda melhor o conteúdo dos Contos da Cantuária e as temáticas as quais abordam. Medeiros afirma que o foco de Chaucer com suas obras (especialmente o Livro da Duquesa) era para o círculo da corte inglesa, iniciando seu trabalho com o Conto do Cavaleiro, resgatando um ideal em declínio no século XIV, e fechando com o Conto do Pároco, evidenciando a importância de características próximas ao clero<sup>20</sup>.

Um ponto forte dos Contos da Cantuária é justamente a multiplicidade de personagens e temáticas. Esta característica possui análises em sincronia teórica por Vizioli e Medeiros. Estes autores concordam que os personagens de Chaucer são tipos representativos das camadas da sociedade inglesa da época, onde cada conto possui um gênero diferente.

Márcia Medeiros exemplifica o Conto do Cavaleiro, que possui como gênero dominante o amor cortês e o Conto do Vendedor de Indulgências, que demonstra a hipocrisia de membros de ordens religiosas e também o imaginário funerário da época. Esta afirmação implica em considerar que cada conto possui uma temática diferente, caracterizando os *Contos da Cantuária* como possuidor de multiplicidade temática.

Simon Horobin inicia o debate sobre a questão de autoria ao propor a possibilidade de haver diferenças em conteúdo e disposição/organização dos manuscritos mais antigos dos *Contos da Cantuária*, estando esta hipótese endossada por Norman F. Blake. Ao expor a tese de que alguns manuscritos foram redigidos sob a supervisão de Chaucer, havendo diferença no conteúdo de certos contos, Blake e Horobin afirmam a existência de tipos distintos dos *Contos da Cantuária*<sup>21</sup>.

Walter William Skeat, em no quarto volume da sua obra *The Complete Works of Geoffrey Chaucer*, referente aos *Contos da Cantuária*, divide a obra do grupo A até o grupo I, começando com o Conto do Cavaleiro e encerrando com o Conto do Pároco no grupo I<sup>22</sup>. Vizioli seguiu ordem parecida com Skeat em sua versão de 2014, se beneficiando de sua tradução, contudo, realiza intervenções no quesito de ordem dos contos.

---

<sup>19</sup>IDEM, Ibidem. p.15.

<sup>20</sup>MEDEIROS, Márcia Maria. *Das contribuições de Geoffrey Chaucer para a literatura e a história*. In: Fênix, volume 4, ano IV, nº2. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2007, pp. 2-5.

<sup>21</sup>HOROBIN, Simon. *Compiling the Canterbury Tales in Fifteenth Century Manuscripts*. In: The Chaucer Review, volume 47, número 4. Penn State University Press, 2013. p.372.

<sup>22</sup>SKEAT, Walter William. *The Complete Works of Geoffrey Chaucer*. Volume 4, segunda edição. Oxford University Press, Londres, 1900. In: [http://lf-oll.s3.amazonaws.com/titles/1227/0465-04\\_Bk.pdf](http://lf-oll.s3.amazonaws.com/titles/1227/0465-04_Bk.pdf). Acesso no dia 04/11/2016.

Horobin afirma em seu artigo que há um problema chave no tocante à compilação dos contos. Tal problema se configura na existência de diferentes sequências de contos envolvendo os grupos E e F e os respectivos contos: conto do Estudante, conto do Mercador, conto do Escudeiro e o conto do Proprietário de Terras<sup>23</sup>. Esta teoria, segundo Horobin: “é um importante local para teoria de revisão autoral”<sup>24</sup>.

Estas diferenças na sequência dos contos trazem à tona dois tipos de manuscritos que permeavam os Contos de Canterbury e sua difusão em território inglês: o manuscrito Hengwrt e o manuscrito Ellesmere. Há diferenças bastante significantes; o manuscrito Hengwrt dispõe da seguinte ordem: “Escudeiro, Mercador e Proprietário de Terras”, estando o conto da Segunda Freira situado entre o conto do Estudante e do Proprietário de Terras. Já o manuscrito Ellesmere, que se encontra mais de acordo com a versão em prosa traduzida por Vizioli, possui a seguinte sequência: “Estudante, Mercador, Escudeiro e Proprietário de Terras”<sup>25</sup>.

Wendy Scase afirma que não havia homogeneidade linguística na Inglaterra do século XIV, com o idioma Inglês Médio não possuindo padrão ortográfico e morfológico, que Chaucer conseguiu superar<sup>26</sup>. No viés da diversidade de idiomas, Márcia Maria e Wendy Scase demonstram o variado repertório linguístico presente na Inglaterra: O Inglês Médio, sendo um dialeto de uso popular; o latim, utilizado majoritariamente por membros do clero e o francês, que era utilizado por membros do clero e da aristocracia<sup>27</sup>.

Acreditamos ser necessária dar mais atenção à diferença dos manuscritos Hengwrt e Ellesmere no tocante à linguagem do texto, organização da escrita, estética do suporte e, acima de tudo, na pessoa responsável pela cópia destes documentos. Robert J. Mayer Lee argumenta que não há a possibilidade de Chaucer ter separado propositalmente os grupos E e F, argumentando que estes tópicos estão articulados em todos os manuscritos remanescentes<sup>28</sup>.

Como exercício reflexivo de diferenciação destes manuscritos dos, Simon Horobin expressa que há muita preocupação em estudos de revisão autoral pelos manuscritos mais antigos, ocasionando por parte de muitos autores focados nestes estudos, uma ação de

---

<sup>23</sup>HOROBIN, Simon. *op.cit.* p.375.

<sup>24</sup>IDEM. p.375.

<sup>25</sup>IDEM. p.375.

<sup>26</sup>BARR, Jessica; JAGER, Katharine. *apud.* Wendy Scase.

<sup>27</sup>MEDEIROS, Márcia Maria. *op.cit.* p.1.

<sup>28</sup>HOROBIN, Simon. *cit.* Robert J. Mayer Lee. p. 375.

negligência para com as produções escritas no século XV<sup>29</sup>. Contudo, há imprecisões sobre o uso dos prólogos e epílogos dos contos como subsídios de continuidade da narrativa.

Este fator se manifesta pela existência ou não de “*links*” que interligam os contos entre si, estando o conto do Escudeiro inserido como parte importante deste debate acalorado sobre a organização dos contos e a estrutura do suporte dos manuscritos da obra de Geoffrey Chaucer. É necessário frisar que o Conto do Escudeiro, junto com o do Cozinheiro encontra-se inacabado, não podendo ser analisado em toda sua conotação histórica e literária.

Norman Blake argumenta que o próprio escriba do manuscrito Hengwrt, ou um editor, teria sido o autor destes links, em uma tentativa de estabelecer continuidade entre os contos, evidenciando a visão de Blake; da que o copista teria recebido do próprio Geoffrey Chaucer os textos disponíveis no período de escrita dos manuscritos, não conferindo aos contos um caráter de circulação de forma independente<sup>30</sup>. Seguindo por este viés, Simon Horobin informa que há um “consenso” entre os estudiosos do assunto em relação à escrita dos prólogos e epílogos.

Tal concordância se manifesta através de pesquisas de cunho codicológico que apontam a ação do escriba em copiar os *links* do Escudeiro-Mercador e Mercador-Proprietário de Terras somente depois de ter copiado os contos, sendo a evidência que comprova esta tese, o prólogo do conto do Mercador estar de forma “espremida” no espaço do fólio<sup>31</sup>. Esta prejudica a compreensão da escrita de Chaucer de forma homogênea e abre espaço para discussões mais intensas sobre as condições de autoria referente aos *Contos da Cantuária*.

Antes de aumentarmos o grau de diferenciação destas duas vertentes textuais, o Hengwrt e o Ellesmere, mais alguns apontamentos precisam ser realizados na questão da ordem do conto do Escudeiro, indo ao encontro do objetivo deste trabalho de pesquisa. Simon Horobin ilustra com maior clareza a discrepância sobre a sequência dos contos ao citar que no Ellesmere “o *host* chama o Escudeiro para contar um conto de amor, assunto que este personagem é muito douto”; enquanto que no Hengwrt quem é chamado para contar sua história de amor é o Proprietário de Terras<sup>32</sup>.

Na Inglaterra do século XIV a forma de apropriação de conhecimentos que abarcava a maior parte da população era por intermédio da leitura em público. Paul Zumthor caracteriza o impacto que a voz do poeta/orador tem sobre a performance perante um grande público. Para o autor a presença de um “livro” ameaçaria a reputação do arauto como douto no

<sup>29</sup>IDEM, Ibidem. p.376.

<sup>30</sup>HOROBIN, Simon. cit. Norman Blake, p.376.

<sup>31</sup>IDEM, Ibidem. p.377.

<sup>32</sup>IDEM, Ibidem. p.377.

conhecimento acerca da obra declamada, devendo a presença deste item estar ocultada da vista da plateia<sup>33</sup>.

A declamação em público de um poema garantia à plateia o conhecimento do conteúdo (ou parte do mesmo) de uma produção literária, não conferindo necessariamente o conhecimento ao povo sobre quem detinha a autoria criativa da obra como um todo e como se configura a forma de escrita e difusão destes poemas. Contudo, é necessário destacar que estas declamações deveriam ser feitas em língua vernácula, visto que o latim era de domínio amplo do Clero.

Retomando a questão da autoria, tendo em vista a forma comum de reprodução de conteúdo pela voz e também as diferenças entre as duas formas de manuscritos (Hengwrt e Ellesmere), a pergunta que vem à tona é: Como a compilação dos Contos da Cantuária pode ser entendida nos termos de autoria na criação e na escrita?

Simon Horobin apresenta, com o intuito de situar o leitor em seu estudo, o argumento da autora Linne Mooney, que identificou o escriba vinculado a Chaucer como Adam Pinkhurst, sugerindo que possa ser o mesmo Adam do poema de Chaucer: “*Adam Scryveyn*”<sup>34</sup>. Portanto, a influência que Adam Pinkhurst teve sobre os manuscritos e sua relação com Geoffrey Chaucer terão de ser problematizadas com o intuito de esclarecimento sobre a escrita e compilação dos Contos da Cantuária.

Continuando a utilizar Horobin como referencial teórico, o texto do autor que analisa as relações entre Chaucer e Pinkhurst torna-se muito eficiente para que seja possível entender e diferenciar o manuscrito Hengwrt. Novamente fazendo uso dos conhecimentos de Linne Mooney, Horobin coloca em questão que Pinkhurst estava trabalhando com Chaucer desde o início da década de mil trezentos e oitenta, sendo não somente o escriba do manuscrito Hengwrt como também do Ellesmere. Todavia, alguns estudiosos refutam a tese de Mooney de que Pinkhurst é o mesmo Adam do poema “*Adam the Scryveyn*”, argumentando que o poema pode ter sido escrito muito tempo depois (da década 1380?) e que o relacionamento entre o escriba e o poeta não teria sido duradouro<sup>35</sup>.

Direcionando o enfoque para às condições do encontro entre poeta (Chaucer) e escriba (Pinkhurst), aparece nesta análise hipóteses compartilhadas entre Mooney e outros estudiosos, sobre a tentativa de reconstituir o período no qual estas duas figuras se encontraram e

<sup>33</sup>ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz na Idade Média (a literatura medieval)*. Tradução: Amálio Pereira e Jerusa Pires Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>34</sup>HOROBIN, Simon. op.cit. p.378.

<sup>35</sup>IDEM. *Adam Pinkhurst, Geoffrey Chaucer and the Hengwrt Manuscript of the Canterbury Tales*. In: *The Chaucer Review*, volume 44, nº4. Penn State University Press, 2010. p.351.

interagiram juntos na escrita e compilação dos contos. Horobin apresenta como hipótese: que se Chaucer e Pinkhurst se encontraram no início dos anos 1380 o Hengwrt teria sido escrito sobre a supervisão do poeta, concordando assim com Linne Mooney.

Sob uma perspectiva de cunho factual, Simon Horobin procura aprofundar a escala da relação entre Pinkhurst e Chaucer, tentando estabelecer um marco inicial para que este encontro pudesse acontecer ao utilizar em sua pesquisa vestígios que o permitissem remontar a primeira inserção de Adam Pinkhurst no círculo social de Geoffrey Chaucer sob a relação de empregador e empregado. Mooney e Horobin colocam John Organ como um importante fator para estabelecer o contato de Pinkhurst com Chaucer.

Organ teria sido um proeminente comerciante de tecidos e mestre da Mercer's Guild, tendo acesso à algumas petições (feitas pelo poeta) do período em que Chaucer era funcionário do Rei, mais precisamente contador na *Wool Custom*<sup>36</sup>. Horobin afirma que Chaucer seria responsável por guardar os registros da Wool Custom consigo e que Organ teria empregado Pinkhurst, quem copiava o livro de contas de sua Guilda, para trabalhar copiando suas tabelas contáveis<sup>37</sup>, ocasionando o primeiro contato entre escriba e poeta.

Para que este encontro entre Pinkhurst e Chaucer possa ser compreendido como ação fundamental para a escrita e diferenciação dos manuscritos, torna-se clara a apresentação de evidências codicológicas consistentes visando a comprovação deste vínculo. Cogita-se que, inicialmente, Pinkhurst era um “freelance”, copiando uma gama de documentos para diferentes clientes, entre ele o próprio Chaucer.

O poeta teria solicitado uma petição visando a nomeação de um funcionário adjunto para substituí-lo na função de contador da Wool Custom, sendo esta petição escrita por Pinkhurst, cuja letra encontra-se em cópias do Hengwrt e do Ellesmere. Esta questão gera a hipótese de que o escriba teria produzido cópias dos trabalhos de Chaucer, deixando mais tempo disponível para que o poeta se envolvesse em outros trabalhos<sup>38</sup>.

Sobre a forma como está estruturado o manuscrito Hengwrt, depara-se com sinais de correções e revisões feitas pelo escriba onde novamente podem ser vinculados à supervisão de Chaucer no andamento da obra. Entretanto, estas correções eram mais dirigidas à ordem dos contos e seus *links* de relação onde nem todos os prólogos retomavam o conto anterior<sup>39</sup>, sendo este problema referente à continuidade dos contos uma questão abordada neste capítulo da tese.

---

<sup>36</sup>IDEM, Ibidem. p.352.

<sup>37</sup>IDEM. p.352.

<sup>38</sup>IDEM, Ibidem. pp.355-356.

<sup>39</sup>IDEM, Ibidem. p.357.

Apresentando algumas constatações de estudiosos acerca do manuscrito Hengwrt, começamos pelas de Horobin, que o define como uma versão com traços brutos de revisão textual, evidenciando dificuldades para preservar um esquema de rimas<sup>40</sup>. A.S.G Edwards atribui características mais “humildes” em relação ao Ellesmere, sendo fisicamente menor e não possuindo uma grande quantidade de adornos.

Norman Blake, em 1980 criou a primeira versão moderna do Hengwrt visando comprovar sua superioridade autoral. Por conseguinte, mesmo com suas limitações em termos de escrita, o manuscrito Hengwrt é um subsídio importante para a compreensão das relações de autoria e compilação dos Contos da Cantuária, possuindo um significativo nível de circulação já no século XV, em um período marcado pelo surgimento da imprensa.

Após ser elucidado o conhecimento sobre o manuscrito Hengwrt e toda sua simplicidade estética e linguística, é chegada a vez de inserir neste debate o Ellesmere e como este documento expressa os Contos da Cantuária em termos de organização, escrita e estética. A.S.G Edwards utiliza como base documental o manuscrito *EL 26C9* (“henceforward Ellesmere”), localizado na Huntington Library no estado da Califórnia e possuindo duzentas e quarenta folhas de pergaminho (de dimensões 394 x 284mm) em bom estado.

Edwards coloca nesta pauta o “pedigree” aristocrático que o Ellesmere apresenta em relação ao Hengwrt, possuindo diferentes tipos e adornos como: Iniciais ilustradas, bordas estilizadas, diferentes cores de tinta e, como característica não presente no manuscrito Hengwrt, o uso de ilustrações (inclusive do próprio Geoffrey Chaucer), o que estabelece a teoria de quem ordenou a confecção deste manuscrito era uma pessoa de muitas posses<sup>41</sup>. Edwards dá os créditos ao antiquário H.J Todd (1763-1845) por trazer ao público pela primeira vez o manuscrito Ellesmere; contudo, foi apenas no século XIX (aproximadamente em 1868) que este documento teve uma maior disponibilidade para estudos mais aprofundados dos Contos da Cantuária.

A produção do primeiro fac-símile deste manuscrito data, segundo Edwards, de mil novecentos e onze (com um fac-símile colorido em 1995), o que contribui em maior escala para o caráter mais “nobre” do documento. Mesmo gozando do título de ser um dos manuscritos mais antigos sobre os Contos da Cantuária, Edwards coloca o manuscrito

---

<sup>40</sup>IDEM. *Compiling the Canterbury Tales in Fifteenth Century Manuscripts*. In: *The Chaucer Review*, volume 47, número 4. Penn State University Press, 2013. p.378.

<sup>41</sup>EDWARDS, A.S.G. *The Ellesmere Manuscript: Controversy, Culture and the Canterbury Tales*. pp.59-62.

Hengwrt como mais importância autoral, usando como argumento a “liberdade de erros acidentais e sua inteira liberdade de variações editoriais”<sup>42</sup>.

No entanto, uma diferença gritante foi percebida pelo estudioso em sua pesquisa sobre o Ellesmere que transcende o âmbito da estética, a omissão do conto do Criado do Cônego (*Canon's Yeoman's Tale*) do manuscrito Hengwrt. Estando o conto citado presente no Ellesmere, Edwards argumenta que a incompletude no texto do tipo Hengwrt sugere sua anterioridade, conferindo ao Ellesmere uma relação de maior aproximação à um trabalho definitivo de Chaucer<sup>43</sup>.

Portanto, é possível entender este manuscrito como fundamental para situar os Contos da Cantuária nos séculos XIV e XV por sua maior complexidade textual e por seu caráter ilustrativo como fortes indicadores de divisão social e de relações de autoria no cenário literário inglês do período.

### 1.3 A apropriação do nome de Chaucer na escrita

Muitos autores expressam consenso de que Geoffrey Chaucer é o “pai da poesia inglesa”, possuindo sua projeção literária máxima nos Contos da Cantuária. Outra forma que o poeta teve como se reproduzir enquanto pessoa de influência foi sua proximidade com a corte, possibilitando seu acesso a cargos e títulos reais aliado à o alcance de outros polos culturais da Europa, enriquecendo sua poesia.

Entretanto, David R. Carlson elucida uma importante característica presente na “época de Chaucer”: a não profissionalização do poeta. Carlson considera que Chaucer era um poeta amador, separando a figura do funcionário real em relação ao escritor, legando à poesia uma caracterização de “hobby”<sup>44</sup>. O autor argumenta que a escrita trouxe mais benefícios para Geoffrey Chaucer ganhar estima entre os literatos da época, enquanto que as pensões recebidas pela Corte o sustentavam financeiramente<sup>45</sup>.

Geoffrey Chaucer despontou como grande poeta, e sua reputação foi reconhecida em época na qual havia um incipiente crescimento da imprensa, e ainda exemplares do Hengwrt e do Ellesmere estavam em circulação. Com a influência de Chaucer consolidada na Inglaterra, agora no século XV, muitos poetas procuraram mimetizar seu estilo de poesia com o intuito

---

<sup>42</sup>IDEM, Ibidem. p.65.

<sup>43</sup>IDEM, Ibidem. p.66.

<sup>44</sup>CARLSON, David R..*Chaucer, Humanism and Printing: Conditions of Authorship in Fifteenth Century England*. In: University of Toronto Quarterly, Volume 64, n°2, Spring, 1995. p.274.

<sup>45</sup>IDEM, Ibidem. p.275.



de crescer em termos de influência poética, sendo Thomas Usk o primeiro, segundo Carlson, a realizar esta imitação.

O século XV testemunhou a ascensão da imprensa como um importante meio de difusão de conhecimento, enquanto que com a vinda de humanistas italianos para a Inglaterra (em decorrência superprodução cultural e conflitos políticos) a profissionalização da escrita ascendeu em grandes proporções em termos de carreira<sup>46</sup>. Concomitante a este processo, a imprensa atingiu maiores níveis de expressão, contribuindo para alçar muitos escritores à uma maior escala de reconhecimento literário.

No entanto, a imprensa necessitava a obtenção de lucro, fator que pode ser atrelado com a proximidade entre imprensa e poetas. Aqui Chaucer entra mais uma vez como expoente para a literatura inglesa; Carlson mostra que muitos autores, afim de adquirirem preponderância conceitual e financeira, colocavam o nome de Geoffrey Chaucer em seus manuscritos o que colocava esta ação como vantajosa para o escritor e para a imprensa, mas que pode se mostrar um perigoso entrave para o historiador em sua pesquisa sobre a autoria de Chaucer ao se deparar com estas falsas atribuições de criação.

## CONCLUSÃO

Um dos objetivos centrais deste trabalho é mostrar Geoffrey Chaucer como um autor de uma forma de escrita genuinamente inglesa. Visando este fim, é realizado neste capítulo um exercício teórico e reflexivo sobre as condições que o permitiram ascender como influência literária ao ponto de ser considerado para muitos como “o pai da poesia inglesa”.

Nesta parte do trabalho houve bastante dificuldade em categorizar os dois tipos de manuscritos, o Hengwrt e o Ellesmere, contextualizando suas diferenças, seus êxitos e “defeitos” no recorte cronológico escolhido. A partir desta sentença, é fundamental relatar a importância que a *The Chaucer Review* teve como fonte teórica para fomentar o debate historiográfico, apresentando em seus diversos artigos analisados, as opiniões de diferentes estudiosos sobre Chaucer, deixando claros seus consensos e divergências.

Por conseguinte, estudar sobre Geoffrey Chaucer e seus Contos da Cantuária transcende a simples análise de seus contos e categorização destes. O contexto histórico de sua época foi delimitado por intensas relações políticas e territoriais, A Guerra dos Cem Anos e a Peste Negra, geradoras de pessimismo na época de Chaucer enquanto poeta e funcionário da Coroa inglesa.

---

<sup>46</sup>IDEM, Ibidem. pp.276-277.

Estes dois importantes fatores contribuíram para que os *Contos da Cantuária* abordassem a ampla gama de temáticas da qual dispõe. Estes fatores provaram-se importantes para o próprio Chaucer assimilar outras formas de conhecimento que enriqueceram a poética no tocante à criação de seus personagens e as diferentes temáticas as quais abordam.

Entretanto, a questão de autoria é um ponto delicado neste capítulo, não podendo ser entendida como restrita apenas à intervenção de Geoffrey Chaucer. A influência que Adam Pinkhurst teve para a cópia dos manuscritos dos *Contos da Cantuária* repercute em nossa concepção acerca da circulação da obra nos séculos XIV e XV.

É essencial tomar conhecimento dos aspectos que diferenciam o Hengwrt do Ellesmere, fortalecendo a compreensão sobre o acesso do público à estes manuscritos, com o Ellesmere possuindo caráter voltado para as camadas mais privilegiadas da sociedade. Entretanto, a ordem dos contos deste manuscrito aparece mais completa em relação ao Hengwrt, agregando maior potencial para análise e reflexão dos *Contos da Cantuária* e seus peregrinos.

Como fator importante para entender Geoffrey Chaucer como “pai da literatura inglesa”, é o surgimento da imprensa no século XV como difusor de informação e o intuito de muitos poetas do mesmo século a despontarem como grandes escritores. A escrita na época de Chaucer não era constituída como atividade profissional, ascendendo à condição profissionalizada a partir do século XV, onde muitos poetas visavam adquirir influência, acompanhados do desejo de editoras em obter lucro. E é neste cenário que o uso frequente do nome de Chaucer tomou forma como meio de obter lucro e prestígio.

A partir da reflexão sobre o panorama sociopolítico de Chaucer e suas condições de autoria, é necessária a discussão sobre como a narrativa dos *Contos da Cantuária* será entendida neste trabalho. Para este fim, será levada em conta a multiplicidade temática presente na obra de Chaucer e como esta contribui para que a continuidade da narrativa seja entendida.

Cavaleiro e Escudeiro serão entendidos, dentro desta multiplicidade, como portadores de marcos temporais, manifestados por seus discursos e sentimentos. Portanto, é crucial a análise do próximo capítulo para que possam ser elucidadas as funções narrativas que estes dois personagens exercem nos *Contos da Cantuária* como conjunto, estando em consonância com as concepções fundamentais sobre as figuras do autor e do narrador.

## 2. O formato das traduções e as funções presentes na narrativa dos *Contos da Cantuária*

### 2.1 Estrutura e organização nas traduções do inglês médio e em português

Andréia Frazão estabelece como método prático de estruturação de um trabalho de pesquisa em História as seguintes fases: planejamento, pesquisa e redação final<sup>47</sup>. Neste segmento do trabalho de conclusão de curso serão focados os recursos teóricos e práticos que vão ao encontro do problema central colocado, a cavalaria nos *Contos da Cantuária*.

Tendo início o questionamento acerca do grau de abrangência dos referenciais teóricos, a versão dos *Contos da Cantuária* que serviu de base para leitura e primeira análise do conteúdo da obra será melhor explicada. Os principais pontos ressaltados são: forma da narrativa, ordem dos contos e a tradução modelo para constituir essa versão.

A forma da narrativa dos contos na versão utilizada é a prosa. Paulo Vizioli, em seu texto de apresentação da obra traduzida, admite que “a pior poesia de Chaucer é melhor que sua melhor prosa”; contudo, o autor escolhe a prosa por ser mais fácil a associação contemporânea do conto com esta forma de narrativa, não descuidando dos elementos poéticos de Chaucer: “as diferentes nuances das diferentes atmosferas”, sutileza e variedade nos tons e a musicalidade das palavras<sup>48</sup>.

Devemos estar atentos também ao idioma do qual derivou a tradução de Vizioli, e como este está posto no conjunto da versão utilizada. O autor estipulou como fundamental a tradução direto do inglês médio, resistindo “à tentação de tomar como base uma de suas adaptações para o inglês moderno”<sup>49</sup>, colocando o texto em inglês médio nesta edição bilíngue utilizada para este trabalho de conclusão.

Com o intuito de realizar de forma coesa a tradução para o português, Vizioli opta pelas traduções diretas do inglês médio feitas por Walter William Skeat e Fred Norris Robinson, ambas definidas pelo autor como trabalhos consagrados. Esta escolha por parte de Paulo Vizioli coloca na pauta deste trabalho uma reflexão sobre estes dois autores e o impacto que suas obras tiveram na execução da tradução para o português.

Frazão da Silva explicita a importância de reunir bibliografia sobre estudos dos documentos selecionados que neste momento será a tradução de Walter Skeat, feita direta do

<sup>47</sup>SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas*. In: Revista Signum, 2015, volume 16, n.1. p.135.

<sup>48</sup>VIZIOLI, Paulo. In: CHAUCER, Geoffrey. *Os Contos de Canterbury*. Tradução: Paulo Vizioli. São Paulo, Editora 34. 2014. pp.26-28.

<sup>49</sup>IDEM, Ibidem, p.26.

inglês médio. Em termos de biografia, poucos dados sobre Skeat foram encontrados, evidenciando a dificuldade deste intento.

Porém, o texto de James Johnson, *Walter Skeat's Canterbury Tale*<sup>50</sup> para a Chaucer Review, nos apresenta alguns traços da trajetória acadêmica de Skeat e sua relação com Geoffrey Chaucer. Este texto também explica a dificuldade para encontrar dados sobre Skeat, devido ao fato de que o próprio autor não possuía o desejo de estabelecer uma biografia própria, não deixando disponível a maioria de suas anotações.

Johnson aponta que os estudos em literatura não constituíam parte do currículo oficial de muitas universidades. Skeat construiu sua formação intelectual nas áreas da teologia e da matemática ao entrar no Christ's College Cambridge em 1854, colocando a leitura e escrita literária como um hobby<sup>51</sup>. A partir do entendimento desta situação, o questionamento que surge pela leitura deste texto é como Walter Skeat aproximou-se dos *Contos da Cantuária* e, por conseguinte fez seu trabalho de tradução do inglês médio?

James Johnson continua seu relato sobre Skeat, com ênfase na aproximação do nomeado reverendo (em 1858) com a obra de Geoffrey Chaucer. Assumindo a função de ensino em matemática, Skeat (conforme sugere Johnson) teria ficado com tempo livre para se dedicar à leitura de literatura inglesa e ao aprimoramento de sua escrita.

Aproximadamente no ano de 1864, Skeat já havia publicado sua tradução das *Canções e Baladas de Uhland*, enquanto que aproximadamente dois anos depois publicou “um longo poema inglês”, o Conto do Castelo de Ludlow, chamando a atenção de Frederick James Furnivall, um notório organizador dos primeiros estudos em literatura inglesa<sup>52</sup>. Skeat, sob influência de Furnivall, conseguiu assimilar o inglês escocês e o inglês médio, durante seu trabalho de tradução de *Lancelot du Laik*, contribuindo para sua aproximação com Chaucer através do idioma.

Passado esse breve panorama acerca da trajetória acadêmica de Walter Skeat, deve-se dirigir o foco para sua produção sobre os manuscritos, e sua influência para este trabalho. Segundo consta no quarto volume (de um total de sete) do trabalho completo de Skeat sobre Chaucer, localizado na Online Library of Liberty<sup>53</sup>, o autor tomou contato com diversos manuscritos em diferentes localidades: British Museum, Oxford e Cambridge, valendo-se também de manuscritos em posse de livrarias públicas, como a Sion College em Londres.

<sup>50</sup>JOHNSON, James D. *Walter Skeat's Canterbury Tale*. In: The Chaucer Review, volume 36. Penn State University Press, 2001.

<sup>51</sup>IDEM, Ibidem. p.16.

<sup>52</sup>IDEM, Ibidem. p.17.

<sup>53</sup>Online Library of Liberty. link: <http://oll.libertyfund.org/titles/chaucer-the-complete-works-of-geoffrey-chaucer-7-vols>. Acesso no dia 02/11/2016.

Por intermédio da leitura dos textos introdutórios presentes na Online Library of Liberty, tomamos conhecimento de que os diversos manuscritos que Skeat tomou contato demonstravam altos graus de discrepância entre si, em especial na presença ou não de certos contos nos documentos e também como a ordem dos mesmos. Em vista desta situação, Skeat diferenciou os manuscritos encontrados em quatro tipos: A, B, C e D<sup>54</sup>.

A compreensão desta categorização estabelecida por Walter Skeat é crucial para que a versão traduzida para o português adquira maior significado e importância como ferramenta de pesquisa. Por tipo A, Skeat define como maior exemplo o manuscrito Ellesmere (um exemplo de manuscrito no qual não consta o conto de Gamelyn); por tipo B está preconizado o manuscrito Hl 7334, situado no British Museum (*Harleian*); o tipo C abarca os manuscritos Corpus e Lansdowne<sup>55</sup>, enquanto que o conjunto D (ou C2) não encontra-se bem explicado na edição consultada.

A partir da estruturação e da exemplificação feitas por Skeat, em relação as diferenças de organização e presença dos contos nos diferentes manuscritos, o ordenamento dos contos, com suas respectivas alocações em grupos, deverá ser elucidado e comparado com a versão traduzida por Paulo Vizioli sob a forma de prosa. Walter Skeat afirma que a forma do texto da edição analisada neste trabalho (quarto volume da segunda edição) encontra-se sob o formato do Ellesmere, enquanto que o Conto de Gamelyn é situado como apêndice do Grupo A<sup>56</sup>.

Conforme o volume 4 do *The Complete Works of Geoffrey Chaucer* a ordem dos contos segue desta maneira: grupo A: Prólogo geral, Conto do Cavaleiro, Prólogo do Conto do Moleiro, Conto do Moleiro, Prólogo do Feitor, Conto do Feitor, Prólogo do Cozinheiro e o Conto do Cozinheiro (não terminado por Chaucer). Neste grupo encontra-se como particularidade o Conto do Cavaleiro, um dos contos centrais deste trabalho, podendo ser encarada como temática central deste conto a relação da cavalaria com o amor (ver capítulo 3).

No grupo B estão situados: Introdução ao Conto do Magistrado, Conto do Magistrado, Prólogo do Homem do Mar, Conto do Homem do Mar, Prólogo da Prioressa, Conto da Prioressa, Prólogo sobre Sir Topázio, Chaucer sobre Sir Topázio, Prólogo de Melibeu, Conto de Melibeu, Prólogo do Monge, Conto do Monge, Prólogo do Padre da Freira, Conto do Padre da Freira e o Epílogo do Padre da Freira. Skeat coloca o grupo B como homogêneo,

<sup>54</sup>Online Library of Liberty. link: <http://oll.libertyfund.org/titles/chaucer-the-complete-works-of-geoffrey-chaucer-vol-4-the-canterbury-tales>. Acesso no dia 02/11/2016.

<sup>55</sup>SKEAT, Walter William. *The Complete Works of Geoffrey Chaucer*. Volume 4, segunda edição. Oxford University Press, Londres, 1900. p.8. In: [http://lf-oll.s3.amazonaws.com/titles/1227/0465-04\\_Bk.pdf](http://lf-oll.s3.amazonaws.com/titles/1227/0465-04_Bk.pdf). Acesso no dia 04/11/2016.

<sup>56</sup>IDEM, Ibidem. p.17.

enquanto que Vizioli separa este grupo em dois subgrupos: o grupo B1 – com o Conto do Magistrado – e o Grupo B2 partindo do Conto do Homem do Mar.

No grupo C entende-se por esta ordem: O Conto do Médico, Palavras do Albergueiro, Prólogo do Vendedor de Indulgências e o Conto do Vendedor de Indulgências. Todavia, mesmo argumentando que utilizou como base a tradução consagrada de Skeat, Paulo Vizioli optou por deslocar o grupo C entre os grupos F e G, o que acarreta em uma mudança na continuidade da narrativa, o que pode gerar compreensões variadas em relação ao conjunto da obra.

O grupo D abrange o Prólogo da Mulher de Bath; o Conto da Mulher de Bath; Prólogo do Frade, Conto do Frade, Prólogo do Beleguim e o Conto do Beleguim. Neste tópico, o Conto da Mulher de Bath é fundamental para a problemática estabelecida como horizonte deste trabalho, ao mostrar uma visão diferente sobre o amor e o ato sexual (prólogo) como também uma figura de cavaleiro menos dotada das virtudes cavalheirescas tanto idealizadas:

“E deu-se então que o rei Arthur tinha em sua corte um ardoroso jovem solteiro, que um dia, praticando a cetraria às margens de um rio, avistou uma donzela que caminhava à sua frente, sozinha como ao nascer. Sem perder tempo, não obstante tudo o que ela fez para resistir, ele arrebatou-lhe a virgindade.”<sup>57</sup>

O Prólogo do Estudante, o Conto do Estudante, o Prólogo do Mercador, Conto do Mercador e o Epílogo do Mercador encontram-se situados no Grupo E. Assim como os grupos A, D, E, F, G, H e I, Vizioli optou por deixar a ordem dos contos de forma semelhante à Walter Skeat.

O Grupo F com o Conto do Escudeiro, o Prólogo do Proprietário de Terras e o Conto do Proprietário de Terras é um tópico que merece suma atenção nesta análise. Aqui é percebida a interação entre Proprietário de Terras e Escudeiro, na qual o primeiro tece muitos elogios ao segundo personagem, referente à sua alta capacidade retórica e grande prudência, sendo este trecho aprofundado no capítulo posterior:

“Por minha fé, Escudeiro, você se saiu muito bem, e com muito garbo. Parabéns!”; “[...] Levando-se em conta a sua pouca idade, você fala de modo bastante ajuizado. Aceite minhas congratulações.”<sup>58</sup>

O grupo G tem em seu conjunto o Conto da Outra Freira, Prólogo do Criado do Cônego e o Conto do Criado do Cônego. Os grupos H e I possuem apenas um personagem cada, Provedor (prólogo e conto) e Pároco (prólogo e conto) respectivamente, o que torna

<sup>57</sup> CHAUCER, Geoffrey. *Os Contos de Canterbury*. Tradução: Paulo Vizioli. São Paulo, Editora 34, 2014. p.421.

<sup>58</sup> CHAUCER, Geoffrey. op.cit. p.599.

curioso como estes personagens podem ser entendidos dentro da multiplicidade temática de Chaucer, mesmo estando alocados (por Skeat e Vizioli) sozinhos em um determinados grupos.

Com a breve explanação sobre a ordem dos contos e os grupos nos quais foram inseridos por Skeat (e Vizioli), é possível ir ao encontro de uma questão muito importante, referida por Andreia Frazão como transmissão manuscrita. Por transmissão manuscrita Frazão entende como a identificação de quantos manuscritos existem sobre a fonte estudada, englobando a localização dos mesmos e sua datação, se estes apresentam ou não variações entre si, podendo ou não haver revisões ou edições<sup>59</sup>.

A diretriz apresentada por Frazão, a transmissão manuscrita, serviu de base para que o fac-símile digitalizado sobre o trabalho de Skeat, citado anteriormente, fosse utilizado. Com este recurso tornou-se possível a leitura das descrições dos manuscritos utilizados por Skeat na composição do quarto volume sobre o trabalho completo de Chaucer, mas acima de tudo, constituiu-se como subsídio muito importante para que fosse percebida a organização e estruturação do texto traduzido.

## **2.2 A relação entre a História e a arte literária manifestada pelos peregrinos de Chaucer**

Até aqui foram elucidadas as bases das quais a versão em prosa dos Contos da Cantuária se fundamentou nos quesitos de tradução e estrutura. Contudo, é preciso estender a metodologia utilizada neste trabalho à questão da narrativa, focando nos diversos sentidos manifestados pelos personagens da obra, sempre atentando para a presença de marcos temporais<sup>60</sup>.

Não consta como objetivo central deste capítulo a análise aprofundada de contos selecionados, entretanto, é preciso frisar que a questão de marcos temporais possuem ligação com a multiplicidade temática que é atribuída a Geoffrey Chaucer em seus *Contos da Cantuária*. Aqui, marcos temporais serão entendidos conforme a matriz teórica de Andreia Frazão, estipulando que estes marcos possam ser interpretados “tais como menções a eventos, pessoas, ideias, etc”, encaixando assim os peregrinos de Chaucer como portadores destes marcos e sentidos múltiplos no conjunto da narrativa.

Seguindo este caminho, deve ser estabelecida a prioridade em elucidar ao leitor a maneira pela qual serão analisados os elementos narrativos dos *Contos da Cantuária*. Visando

---

<sup>59</sup> SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. op.cit. p.140.

<sup>60</sup> Idem. p.140.

este fim, ressalta-se a inclusão das figuras do narrador e do autor e como estas gravitam na órbita da obra como um todo.

Uma boa maneira de estruturar a forma como será entendida a narrativa de Chaucer é mediante o questionamento dos próprios personagens. A partir da multiplicidade de temas, os peregrinos praticam variadas formas de discurso e de diálogo entre si, não podendo estas interações estarem restritas apenas às esferas de seus próprios contos, mas sim repercutindo na narrativa e também no sentimento dos personagens; citando dois exemplos: o diálogo entre Oficial de Justiça (Beleguim) e o Frade após o prólogo da Mulher de Bath<sup>61</sup> e a interação na qual o Proprietário de Terras elogia o Escudeiro por sua retórica<sup>62</sup>.

Estes diálogos entre contos mostram ao leitor que a narrativa não se desenrola de forma rápida e impessoal. Os personagens reagem e expõem suas opiniões em diversas ocasiões, mostrando uma gama de sentimentos (e seus respectivos discursos) que deve ser encarada como fundamental para a continuidade da leitura e análise dos contos, mostrando marcos temporais de ampla magnitude presentes na narrativa.

Muitas vezes, especialmente na literatura de entretenimento, costumamos dissociar a figura do narrador do conjunto do texto. Como técnica de pesquisa em literatura medieval, Andreia Frazão argumenta que o narrador é parte integrante do conjunto de personagens “fazendo comentários ou participando da trama, relacionando-se diretamente com outros personagens”<sup>63</sup>. A versão de Paulo Vizioli apresenta um exemplo ao encontro da afirmação de Frazão nas ocasiões do Conto de Chaucer sobre Melibeu (excertos), o Conto de Chaucer sobre Sir Topázio e na Retratação de Chaucer, situada no grupo I da versão em português:

“Agora peço a todos que ouvirem ou lerem este pequeno tratado que, se alguma coisa de seu agrado houver aqui, agradeçam por isso a Nosso Senhor Jesus Cristo, do qual procede todo talento e toda virtude. E, por outro lado, se houver algo que os desagrade, peço que o debitem às limitações de minha competência, e não à minha vontade, pois eu certamente teria me expressado melhor se tivesse sabido como fazê-lo.”<sup>64</sup>

Enquanto que o narrador deve ser entendido como personagem do enredo, este deve ser separado da função de autor<sup>65</sup>, gerando um questionamento sobre como deve ser entendida a função do autor em relação à sua obra. Roger Chartier, em seu debate sobre literatura e história, consegue estabelecer a inserção da figura do autor em relações de discurso.

<sup>61</sup> CHAUCER, Geoffrey. *Os Contos de Canterbury*. Tradução: Paulo Vizioli. São Paulo, Editora 34. 2014. pp. 419-421.

<sup>62</sup> CHAUCER, Geoffrey. op.cit. pp. 599-601.

<sup>63</sup> SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. op.cit. p.149.

<sup>64</sup> CHAUCER, Geoffrey. op.cit. p.769.

<sup>65</sup> SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. IDEM. p.149.



Chartier inicia este debate enfatizando uma aproximação histórica com a literatura, onde nossas visões sobre literatura contemporânea não devem ser encaradas como universais e invariantes, sendo assim nossa relação com o escrito não deve delimitar nossa forma de recepção do texto<sup>66</sup>. Logo, torna-se importante que a identificação do autor no conjunto da obra seja como uma “função do discurso”.

Utilizando Michel Foucault como referencial teórico, Chartier explica que “a atribuição das obras a um nome próprio é uma ação discriminadora”. Roger Chartier pensa que a “função-autor” é “característica do modo de existência, circulação e funcionamento de certos discursos no seio de uma sociedade”<sup>67</sup>, por conseguinte é um fator fundamental que confere à obra coesão na época a qual está situada (para nós, o século XIV).

No caminho trilhado por Foucault sobre a configuração da função-autor, Chartier aponta que o autor pode encontrar-se separado de uma singularidade, possuindo assim uma pluralidade de discursos. A Geoffrey Chaucer pode ser atribuída tal pluralidade, estando esta característica presente tanto na leitura apenas dos contos, mas em especial durante o prólogo geral dos *Contos da Cantuária*, capítulo no qual todos os personagens são descritos sob a forma de tipos sociais por parte do autor.

Para Chartier uma questão importante para compreender a relação entre literatura e história é:

“[...] considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão”<sup>68</sup>.

Esta citação nos permite o direcionamento deste capítulo metodológico rumo aos pressupostos teórico-metodológicos de Katharina Rosenfield sobre a literatura medieval.

Como característica dos *Contos da Cantuária* está a questão de não serem colocados nomes nos personagens, embora sabemos quando Chaucer tem a ação de fala, vide o Conto de Chaucer sobre Melibeu. Realizando uma breve reflexão acerca deste ponto, é possível associar com os pressupostos de Katharina Rosenfield os quais evidenciam que os personagens das obras constituem-se como figuras literárias determinantes de sentido<sup>69</sup>.

Rosenfield, ao analisar a estrutura global das obras selecionadas em seu trabalho, ressalta a importância de se levar a sério o elemento mitológico presente nas obras, não

<sup>66</sup>CHARTIER, Roger. Literatura e História. *Topói*. Vol.1. Ano 1, número 1, 2000. p. 197.

<sup>67</sup>IDEM, Ibidem. p.199.

<sup>68</sup>CHARTIER, Roger. op.cit. p.197.

<sup>69</sup>ROSENFELD, Katharina Holzermayr. *A história e o conceito na literatura medieval: problemas de estética*. Tradução: Zilá Bernd. São Paulo: Brasiliense, 1986. pp.10-12.

devendo estes serem encarados “como meros caprichos e sim dotados de significação própria”<sup>70</sup>. O elemento do mito possui uma importante relevância para a análise consistente dos contos do Cavaleiro e do Escudeiro, pois nestes encontram-se características mitológicas na constituição de suas narrativas, como por exemplo traços da religião politeísta greco-romana.

Para melhor entendermos como os peregrinos conseguem manifestar traços históricos de nosso recorte cronológico, o século XIV, é preciso enxergar as interações entre eles em escala mais voltada para a questão da subjetividade. Para Rosenfield, a característica de subjetividade é entendida como “a multiplicidade de posições e condutas, realizando as determinações sociais sem modelo existente na sociedade imediata”<sup>71</sup>.

A afirmação citada anteriormente não supre inteiramente as necessidades para construção da hipótese. O ponto o qual Rosenfield refere que as determinações sociais (geradas pela multiplicidade de posições e condutas) entra em discrepância com o argumento defendido por Roger Chartier, sobre a transação ou negociação entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social a qual buscam. Portanto, devemos considerar que a subjetividade realiza sim determinações sociais com modelo existente na sociedade imediata.

Foi citado que a subjetividade carregada pelos personagens nos *Contos da Cantuária* vão ao encontro de modelos sociais da Inglaterra no século XIV. Contudo, a literatura não pode ser entendida aqui como um mero instrumento de reprodução da realidade; por conseguinte, os modelos sociais estabelecidos não podem ser encarados sob a metáfora do espelho e reflexo fiel da sociedade medieval inglesa do século XIV, sendo estes materializações de conceitos possíveis para o recorte cronológico escolhido<sup>72</sup>.

O senso comum de que é possível estabelecer um reflexo totalmente fiel do passado não pode ser aplicado sobre a literatura medieval, como também torna-se inválido para construir uma análise crítica sobre os manuscritos e suas traduções. Isto se concretiza devido à ação que o pesquisador precisa realizar, que consiste em buscar informações de como a obra adquiriu seu sentido e status, entender a localização dos manuscritos base das traduções utilizadas, como também a composição do texto.

Segundo Andreia Frazão, o levantamento de dados não é suficiente para que toda a complexidade dos textos seja entendida, não podendo ser encontradas informações que supram completamente as perguntas as quais separamos; no entanto, há uma ruptura com a

---

<sup>70</sup>IDEM, Ibidem. pp.14-15.

<sup>71</sup>IDEM, Ibidem. pp.16-17.

<sup>72</sup>IDEM, Ibidem. pp.22-27.

ideia de que os documentos originais constituem um portal imediato para o passado<sup>73</sup>. Esta questão também se aplica em como serão analisadas as figuras do Cavaleiro e do Escudeiro como figuras literárias e também como manifestações históricas da Inglaterra no século XIV.

Para que o estudo do Cavaleiro e do Escudeiro possua um maior nível de detalhamento, é necessário evitar que a pesquisa seja operacionalizada apenas em âmbito literário. É um ponto central o estudo sobre o universo, social, cultural e normativo que pautou a cavalaria neste período, ultrapassando os limites territoriais da Inglaterra e abrangendo o continente europeu.

Com o intuito de aprofundar a compreensão da cavalaria enquanto agente histórico na Europa e como esta se reproduzia enquanto ordem dominante, é possível abarcar estes aspectos pelo livro *Os Cavaleiros de Cristo*, de Alain Demurger. Todavia, a “matéria da Bretanha” é quase inexistente em seu livro e bibliografias traduzidas para o português sobre a cavalaria na Inglaterra são escassas.

É reconhecida a importância de compreendermos como a cavalaria estava situada na Europa do século XIV e como esta ordem ainda era tida como horizonte de expectativa em territórios nos quais a nobreza guerreira enfrentava uma grande decadência. Todavia, estes ideais da nobre cavalaria podem ser melhor entendidos por intermédio da análise dos contos do Cavaleiro e do Escudeiro, evidenciando como estes dois personagens carregam sentimentalmente estes ideais no conjunto da poesia de Chaucer, por meio de seus discursos nas narrativas e de suas reações à os outros contos.

## CONCLUSÃO

Primeiramente é crucial destacar a dificuldade no contato com o manuscrito digitalizado. Por este viés, a pesquisa foi direcionada para a reunião do corpus documental focado nas traduções e discussões destes manuscritos, em especial a de Walter William Skeat: *The Complete Work of Geoffrey Chaucer*, com ênfase no quarto volume que se refere à *Os Contos da Cantuária* que e também é a base para a tradução de Paulo Vizioli.

Para isto, foi necessária uma breve leitura sobre a trajetória acadêmica de Skeat para que pudesse vir à tona a aproximação do tradutor com a obra de Chaucer. Este procedimento encontrou contratemplos pela falta de documentos de caráter bibliográfico ligados à Walter Skeat.

---

<sup>73</sup>SILVA. Andreia Cristina Lopes Frazão da. op.cit. p.142.

Como ordem estabelecida dos contos, o manuscrito tipo Ellesmere (ES) é o documento fundamental desta configuração. No entanto, a tradução de Vizioli se desvincula do trabalho de Walter Skeat ao apresentar contos (e alguns diálogos de interlúdio) sob o formato de verso e seguidos pelo formato de prosa, não mantendo uma estruturação uniforme do texto da mesma forma que Skeat, criando entraves para o entendimento das formas de narração e interação entre os personagens e seus respectivos significados.

O conjunto dos *Contos da Cantuária*, enquanto possuidor de multiplicidade temática, por meio dos 29 peregrinos, expressa variados discursos que ajudam na imersão do leitor em alguns aspectos sociais e religiosos da Inglaterra no século XIV. Entretanto, sem entendermos a figura do narrador como parte integrante do enredo e separado da figura do autor, é possível que se caia na armadilha de tratar o autor como um juiz sobre os personagens de sua obra<sup>74</sup>.

O autor aqui é entendido como vetor que permite a mediação entre a realidade literária e as práticas do mundo social sob o qual o texto literário está fundamentado, sendo uma função do discurso. Por este curso, a escolha do Conto do Cavaleiro e do Conto do Escudeiro foi feita com o intuito de mostrar como a produção literária de Chaucer aborda os ideais da nobreza no contexto de convulsão social do século XIV, sendo esta questão a “negociação” entre literatura e história.

Portanto, Cavaleiro e Escudeiro serão analisados visando suas diferenças como prioridade. Estes dois personagens, ambos pertencentes à nobreza, suscitam ao leitor visões diferenciadas de um mesmo segmento social colocado por Chaucer, não sendo elucidados nesta análise apenas aspectos referentes ao heroísmo e ao amor cortês, mas também como estes dois personagens também lidam e relatam atitudes que vão de encontro aos ideais cavalheirescos.

---

<sup>74</sup>ROSENFELD, Katharina Holzermayr. op.cit. p.36.

### 3. A situação da cavalaria nos *Contos da Cantuária*: semelhanças e particularidades do Cavaleiro e do Escudeiro no conjunto da narrativa e suas relações com outros personagens

#### 3.1 *Miles, knight-rider, horseman e knight*. Como a noção de cavaleiro adquiriu forma na política e na literatura da Inglaterra medieval

Cavaleiro e Escudeiro emergem como importantes figuras, cujos ideais podem ser considerados como conhecidos, mesmo durante o período de convulsão sociopolítica do século XIV. A partir desta situação

Em vista da importância que os ideais da cavalaria ainda possuíam, torna-se crucial a compreensão neste capítulo sobre como a cavalaria pôde ascender política e socialmente, com seus padrões de vida despontando como objeto de desejo. Esta característica será ligada diretamente à ascensão do romance de cavalaria na Inglaterra medieval, e de como os cavaleiros apareciam no cenário geral da produção literária do período.

Até os dias de hoje, o romance de cavalaria tem alguns de seus preceitos presentes em algumas obras, entre estes: a cortesia, a honra e as proezas em combate. Tais características são encontradas com mais frequência em produções literárias, o que acentua a necessidade de elucidar como a cavalaria pôde se configurar como ordem dominante no cenário medieval e, por conseguinte, repercutir também no âmbito literário.

Alain Demurger em *Os Cavaleiros de Cristo* coloca como pauta, no início de seu livro, o entendimento da palavra cavaleiro. O autor inicia sua análise diferenciando ordens militares de ordens de cavalaria apontando o surgimento de diferentes *ordines* (ordens), ou grupos corporativos, em diferentes épocas<sup>75</sup>.

Seguindo pela sua argumentação, Demurger direciona sua análise sobre o vocábulo cavaleiro propriamente dito<sup>76</sup>. Com o crescimento do uso do inglês médio (como língua vernácula) a categorização dos combatentes na Inglaterra medieval sofreu mudanças significativas. Demurger aponta que mesmo a palavra *miles* ainda representando o soldado comum, as palavras *knight-rider e horseman* apareceram como vocábulos que distinguiam os combatentes à cavalo em um sentido ético (hierarquizado)<sup>77</sup>.

<sup>75</sup>DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo. Templários, teutônicos, hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Tradução: André Telles. Jorge Zahar Editor Ltda., Rio de Janeiro, 2002. p.9.

<sup>76</sup>IDEM. p.9. Neste viés, o autor afirma que os romanos já utilizavam a palavra *miles* como forma de denominar o soldado comum, enquanto que no decorrer da Idade Média, até aproximadamente o século XIII, a cavalaria veio ascendendo como principal força de combate, mas, sendo alocada ao status de soldado comum, designada pela palavra *miles*, não possuindo ainda o caráter idealizado e nobiliárquico ao qual haveria de ser reconhecida.

<sup>77</sup>IDEM, Ibidem, p.10.

Alain Demurger faz um breve apontamento sobre o imaginário dos clérigos sobre a sociedade cristã ideal, colocando a clássica divisão em três ordens: os que rezam, os que combatem e os que trabalham<sup>78</sup>. Contudo, esta visão limita nosso pensamento mais amplo sobre a atuação da cavalaria no cenário medieval, assim como deixa de lado suas particularidades.

Nos *Contos da Cantuária*, Geoffrey Chaucer fez uso da palavra *knight* para se referir ao Cavaleiro e *Squire* para o Escudeiro. No entanto, a palavra *knight* está imbuída de um sentido completamente diferente dos vocábulos *knight-rider* e *horseman* na obra de Chaucer em termos de status social. Logo, é preciso entender como esta palavra adquiriu um caráter elitizado, o que facilita o objetivo de analisar a cavalaria de Chaucer: Cavaleiro e Escudeiro.

O caso inglês sobre a cavalaria pode ser mais bem entendido sob a perspectiva de Asaad Al-Saleh. O autor argumenta sobre o vocábulo cavaleiro, tendo um significado muito diferente daquele dos romances de cavalaria na Inglaterra. Al-Saleh explicita que entre os séculos IX e X um combatente à cavalo ficou conhecido como cavaleiro, mas que não possuía o status de séculos posteriores, sendo muitos deles mercenários que vendiam sua força de combate e que possuíam cavalos e armas próprios<sup>79</sup>.

Al-Saleh continua seu estudo de caso sobre a cavalaria na Inglaterra dissertando sobre a influência que os Normandos tiveram neste território. O autor argumenta que na época da conquista normanda, os cavaleiros eram desorganizados e não havia muitas diferenças entre camponeses e estes combatentes a cavalo em termos de posses e propriedade, até o final do século XII.

Todavia, no século XIII os cavaleiros ascenderam socialmente, podendo adquirir terras, reconhecimento e prestígio e, conforme Al-Saleh, tornando-se os cavaleiros (*knights*) que serviram de base para Geoffrey Chaucer<sup>80</sup>. Asaad Al-Saleh, já fazendo relação com a literatura inglesa medieval, associa a corte do Rei Arthur como elemento mistificador da cavalaria na Inglaterra ao enfatizar características como: gosto por aventuras, honra, gentileza e amor cortês.

Tendo em vista as constatações de Al-Saleh, é preciso entender também como o romance de cavalaria ascendeu como gênero literário popular no cenário da produção inglesa

---

<sup>78</sup>IDEM, p.10.

<sup>79</sup>AL-SALEH, Asaad. *Fate and Discipline. A Comparative Study of The Tale of the Heike and Chaucer's The Knight's Tale*. In: Journal of the Midwest Modern Language Association. Vol. 45, nº1. Midwest Modern Language Association, 2012, p.37.

<sup>80</sup>IDEM, Ibidem, p.38.

do período. Portanto, é necessária a análise aprofundada de certos padrões de narratividade presentes nestas produções, como enredo e personagens.

O estilo de escrita de Geoffrey Chaucer é definido por muitos autores como voltado para o ambiente das cortes, muito se devendo ao seu alinhamento com membros da nobreza. Contudo, Walter Wadiak aponta a poesia de Chaucer em com um caráter diferente do cunho popular ao distancia-la da aventura, quer era um estilo muito popular e de escrita simples na Inglaterra medieval.

Wadiak procura analisar o comprometimento de Chaucer com a aventura, utilizando como subsídio o *Conto do Cavaleiro*, evidenciando suas particularidades. No entanto, o autor argumenta que a palavra aventura (adventure) já estava sendo bastante utilizada nas produções românticas do período, significando o imprevisível, a jornada e o encontro com o desconhecido<sup>81</sup>.

Antes de abordar mais especificamente o *Conto do Cavaleiro*, Wadiak explicita a opinião de autores enquanto ao descrédito da aventura presente nos romances. Com o objetivo de explicar esta situação, Walter Wadiak apresenta a aventura com um grande protagonismo na figura de um jovem cavaleiro que sai em uma jornada (knightly quest) em busca de recompensas, renome e glórias.

Continuando a argumentar sobre o descrédito da aventura como característica do romance, Wadiak apresenta o argumento de três autores: John Finlaysson, Matilda Bruckner e Derik Pearsall. Finlaysson enxerga a aventura na Inglaterra medieval como “uma sucessão de vitórias sensacionais (e na maioria das vezes entediadas) dos cavaleiros”, configurando-se em demonstrações de proezas<sup>82</sup>.

A abordagem de Matilda Bruckner, apontada por Wadiak, relata a importância da aventura para a construção da identidade do herói, fator presente nos romances franceses e ingleses<sup>83</sup>. Em complemento à esta análise, Derik Pearsall coloca em pauta um dado muito importante acerca do romance, ao estabelecer sua visão dos romances ingleses como destinados à um público burguês em ascensão<sup>84</sup>.

Como característica significativa dos romances medievais, a aventura se configurava pela jornada de um cavaleiro (*knightly quest*) e as recompensas que este receberia ao final.

---

<sup>81</sup>WADIAC, Walter. *Chaucer's Knight's Tale and the politics of Distinction*. In: *Philological Quarterly*, Vol. 89, 2010, pp. 160-161.

<sup>82</sup>IDEM, *Ibidem*, p.161.

<sup>83</sup>IDEM, *Ibidem*, p.162.

<sup>84</sup>IDEM, p.162. No texto de Walter Wadiak, logo após a citação da abordagem de Derik Pearsall, aparece o termo “classe média”. Esta classificação, mesmo com fins explicativos, encontra-se equivocada, sendo mais correto o uso do termo “ordem”.

Esta construção priva os romances de ações imprevisíveis, estabelecendo, segundo Walter Wadiak, “ações mecânicas”. Por conseguinte, é necessária a compreensão se Geoffrey Chaucer conseguiu um distanciamento pleno do romance popular focado na cavalaria.

Jacques Le Goff, em seu livro *O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval*, contribui para este trabalho com a análise de personagens de romances de cavalaria, visando esboçar o romance cortês. Yvain, desponta como personagem impactante no trabalho de Le Goff e é partir deste personagem que poderemos entender melhor a visão do autor sobre a cavalaria na literatura romântica.

Le Goff escolhe retratar Yvain a partir do episódio no qual este cavaleiro enlouquece, após realizar (e vencer) um combate contra Esclados, o vermelho, senhor de uma fonte mágica. Na escrita de Le Goff é detalhada como Yvain vem a enlouquecer, direcionando o leitor para o episódio em questão:

“Yvain está abatido, tudo o que ouve o aborrece, tudo que vê o atormenta; desejaria estar longe, numa terra tão selvática que não soubesse onde procura-lo, onde não houvesse ninguém, homem ou mulher, que soubesse algo de si, como se encontrasse no fundo de um abismo.”<sup>85</sup>

A partir do gancho sobre o desejo do cavaleiro enlouquecido de estar em uma terra selvática, a floresta emerge em nossa análise como elemento semelhante nas obras de Chrétien de Troyes e de Chaucer, no Conto do Cavaleiro. Para Le Goff, a floresta se equivale ao deserto, sendo um lugar de caça, aventura e refúgio, e na Bretanha a floresta torna-se o lugar onde a hierarquia feudal é quebrada.<sup>86</sup>

Le Goff continua sua análise ao explicitar que Yvain não é um cavaleiro enquanto se encontra no ambiente da floresta, tornando-se um caçador-predador<sup>87</sup>. A partir deste quadro de caçador-predador é possível problematizar a importância das armas para a cavalaria pelo viés da antítese entre cavaleiro e caçador. Esta dualidade é evidenciada através da espada e do arco, onde o arco não é arma de um cavaleiro, sendo considerado armamento de homens vis e traidores por parte da Igreja<sup>88</sup>.

Nos contos do Cavaleiro e do Escudeiro e na obra de Chrétien de Troyes, os cavaleiros não fazem uso do arco, o que estabelece semelhanças na construção da cavalaria nestas produções, excetuando o episódio da loucura de Yvain onde este não é um cavaleiro no

<sup>85</sup>Trecho da obra *Yvain ou le Chevalier au lion*, de Chrétien de Troyes. In: LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e cotidiano no ocidente medieval*. Editora 70 Lda, Lisboa. 1983. p. 108.

<sup>86</sup>LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso cotidiano no ocidente medieval*. Editora 70 Lda., Lisboa. 1983. p. 111.

<sup>87</sup>IDEM. p. 111.

<sup>88</sup>IDEM, Ibidem. pp. 111-114. Jacques Le Goff ao se referir sobre a condenação da Igreja ao uso do arco retoma o II Concílio de Latrão (1139), em seu cânone 29, que condenava ações assassinas por parte de arqueiros e besteiros, proibindo que estas armas fossem usadas contra cristãos e católicos.



ambiente da floresta. Todavia, a obra de Chaucer se diferencia da de Chrétien de Troyes ao dar mais ênfase no ambiente urbano, em especial no ambiente do palácio de Teseu, duque de Atenas.

Seguindo por este caminho, do impacto das cidades na obra de Chaucer, é necessária compreensão de como os núcleos urbanos despontaram como fatores cruciais da literatura. Nilton Pereira exerce uma importante análise sobre a influência das cidades ao argumentar sobre uma mudança de espiritualidade da sociedade medieval, a partir do século XII, onde o dinamismo e movimento das cidades permitiram a produção de conhecimento com a criação de universidades e escolas, acompanhada pelo crescente individualismo na sociedade<sup>89</sup>.

O individualismo emergente na sociedade medieval (a partir do século XII) também repercutiu na construção da poesia de amor cortês, estando o conteúdo desta poesia voltado para a nobreza e sendo reproduzida na cidade, de caráter burguês<sup>90</sup>. Mediante este fator, é crucial utilizarmos a análise de Hilário Franco Júnior sobre a cavalaria presente na literatura medieval.

Hilário Franco Júnior defende que os romancistas medievais “construíam suas quimeras” com base no que conheciam<sup>91</sup>. Outro fator importante proposto por Hilário Franco Júnior é sobre a categorização de gêneros literários, os quais decorrem da relação histórica do leitor crítico com os textos estudados<sup>92</sup>.

Ao propor a busca dos gêneros literários por intermédio do viés historiográfico, Hilário Franco Júnior entende a cavalaria dotada de identidade social, cultural e sociológica bem definida, reproduzida na literatura sob a metáfora da Távola Redonda<sup>93</sup>, ponto em comum com a análise de Asaad Al-Saleh. A partir do viés historiográfico, podemos

---

<sup>89</sup>PEREIRA, Nilton Mullet. *Fin amour*: as condições de existência no mundo medieval. In: TEIXEIRA, Igor Salomão; ALMEIDA, Cybele Crosseti de. *Reflexões sobre o medievo III: Práticas e Saberes no Ocidente Medieval*. São Leopoldo, Oikos, 2013. GT Estudos Medievais/ANPUH-RS. pp. 75-77. Nilton Pereira menciona que no âmbito das universidades houve uma independência intelectual.

<sup>90</sup>IDEM, Ibidem. pp. 79-80.

<sup>91</sup>FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Deum circum, cujus est ubisque, circumferentia nusquam*: a Távola Redonda, síntese da utopia cavaleiresca. In: MONGELLI, Lênia Márcia. *E fizerom taes maravilhas: Histórias de Cavaleiros e Cavalarias*. Cotia, Ateliê Editorial, 2012. p. 18. Hilário Franco Júnior argumenta que: “Com efeito, conscientemente ou não, a literatura funciona como diálogo com as condições concretas e/ou imaginárias de sua produção e recepção, revelando sempre certa imagem da realidade objetiva sem ser forçosamente espelho dela. A literatura é a representação da realidade coletiva ou individual e traduz sua historicidade, por mais ficcional que pareça à primeira vista.”

<sup>92</sup>IDEM, Ibidem. p. 21.

<sup>93</sup>IDEM, Ibidem. p. 22.

compreender que os gêneros literários não foram categorizações feitas no período medieval, e, conforme Hilário Franco Júnior, constituíam-se em caráter híbrido<sup>94</sup>.

Os contos do Cavaleiro e do Escudeiro trazem à tona características de uma nobreza guerreira (fator que não é plenamente definidor do Escudeiro), assim como no Prólogo. Segundo o texto de Franco Júnior, “os traços guerreiros da literatura remontam à monarquia feudal representada por Artur”, estabelecendo como requisitos de um bom cavaleiro características como a fraternidade interna e externa<sup>95</sup>.

Por conseguinte, Cavaleiro e Escudeiro são entendidos como portadores destas características da literatura arturiana, em suas apresentações no Prólogo e na narrativa de seus contos. Os dois contos, enquanto componentes da multiplicidade temática dos *Contos da Cantuária*, demonstram semelhanças com o personagem Yvain de Chrétien de Troyes, contudo, distanciamentos são percebidos no decorrer da narrativa feita por Cavaleiro e Escudeiro.

### **3.2 Pai e filho são iguais? Apresentação e narrações feitas pelo Cavaleiro e o Escudeiro no conjunto dos *Contos da Cantuária***

Geoffrey Chaucer, de forma diferenciada de muitos romancistas medievais, consegue nos apresentar seus peregrinos mediante a construção de tipos sociais. Destes tipos sociais, Cavaleiro e Escudeiro terão seus contos analisados visando a compreensão da cavalaria no âmbito histórico e literário, tendo em vista seus ideais e situação sociopolítica. Entretanto, não apenas suas virtudes e conquistas devem ser elucidados, mas também falhas e desvios destes ideais devem ser expostos.

A partir da leitura dos *Contos da Cantuária*, é possível perceber que Chaucer realiza dois tipos de apresentação: dos personagens e dos contos. A apresentação dos personagens é feita no Prólogo, enquanto que a apresentação (e narração) dos contos é feita pelos próprios personagens, indo ao encontro dos princípios teóricos de Andreia Frazão e Roger Chartier ao não separar o narrador do conjunto dos personagens da obra, assim como diferenciar estes personagens (narradores) da figura do autor.

---

<sup>94</sup>IDEM, Ibidem. p. 24. Segundo Hilário Franco Júnior, “o romance de cavalaria era visto como história por ser verídico (assim ele se apresenta), tratar do passado (os heróis de outros tempos) e dar exemplos (proposição de modelos).

<sup>95</sup>Por fraternidade interna, Hilário Franco Júnior define como relações fraternais dentro do seio cavalheiresco. Por fraternidade externa, o autor entende como a extensão destas relações fraternais à pessoas fora de seu estrato social que não podiam se defender sozinhos dos abusos de assaltantes ou de senhores pouco escrupulosos. Como exemplo daqueles que não podiam se defender, o autor explicita: pobres, mulheres e eremitas.

Portanto, para começar a análise sobre a cavalaria é preciso iniciar pelo Prólogo, focando sobre o que esta parte da obra tem a relatar sobre Cavaleiro e Escudeiro. Esta sessão da obra retrata a chegada do narrador (Chaucer) em uma estalagem, o Tabardo, testemunhando a chegada de um grande grupo de vinte e nove peregrinos, onde Chaucer inicia com a apresentação do Cavaleiro:

“Estava lá um CAVALEIRO, um homem muito digno, que, desde que principiara a montar, amava a Cavalaria, a lealdade, e a honra, a cortesia e a generosidade. Valente nas guerras de seu suserano, embrenhara-se mais do que ninguém pela Cristandade e pelas terras dos pagãos, sempre reverenciado pelo seu valor.”<sup>96</sup>

Como outros pontos muito importantes da figura do Cavaleiro, Chaucer aponta que este esteve presente na conquista de Alexandria<sup>97</sup>, fazendo campanhas em outras regiões como Lituânia e Rússia. Outras características que chamam a atenção são: a participação do Cavaleiro em “quinze torneios mortais”; o ato de travar justas pela fé cristã, sempre matando o inimigo<sup>98</sup>.

Sobre a questão das batalhas que o Cavaleiro tomou parte, sempre “matando o inimigo” pela fé cristã vai ao encontro do argumento de Alain Demurger acerca de guerra justa. Demurger, com o intuito explicativo sobre este assunto, coloca para o leitor o Decreto de Graciano (1150), que preconizava:

“Uma guerra justa se travada com intenção honesta, sob direção de uma autoridade legítima e com um objetivo defensivo ou de retomar um bem injustamente usurpado.”<sup>99</sup>

A partir da leitura de Demurger sobre o Decreto de Graciano, podemos realizar a relação do Cavaleiro com o conceito de Cruzada e a sacralização da cavalaria. Primeiramente, o termo Cruzada não foi uma invenção da Idade Média, sendo uma construção por parte de historiadores para designar o conjunto das expedições militares, organizadas pelos Papas entre os séculos XI e XIII, visando o combate de inimigos da cristandade.

Demurger define a cruzada como a “guerra justa por excelência” e também como “uma peregrinação armada rumo a Jerusalém cujo objetivo não era apenas orar e meditar no Santo Sepulcro, mas sim liberta-lo.” Portanto, para Demurger a cruzada combinava o valor da peregrinação armada, sacralizando a guerra e o guerreiro, integrando estes combatentes em

<sup>96</sup>CHAUCER, Geoffrey. *Os Contos de Canterbury*. Tradução: Paulo Vizioli. São Paulo, Editora 34, 2014, p.37.

<sup>97</sup>IDEM, Ibidem, p.37. Vizioli explica que a cidade egípcia de Alexandria foi tomada pelos cristãos no século XIV.

<sup>98</sup>IDEM, Ibidem, p.39.

<sup>99</sup>DEMURGER, Alain, p.20.

ordens religiosas-militares, e, por conseguinte, na sociedade cristã, opondo-se à cavalaria secular<sup>100</sup>.

Jean Flori, acerca da ideia de cruzada no ocidente cristão, consegue evidenciar as diferenças entre as ideias de cruzada, guerra santa e *jihad*. Para Flori a cruzada apresenta todos os componentes de uma guerra santa, sendo uma “operação militar sacralizada, pregada por um pontífice romano”, conseguindo não só proteger ou aumentar o patrimônio de São Pedro, como também retomar alguns territórios de “pagãos”, libertar igrejas e reconquistar a Cidade Santa e o túmulo de Cristo<sup>101</sup>.

Flori se mostra atento ao caráter profético que permeou as incursões de reconquista de Jerusalém, entendendo como componente escatológico<sup>102</sup>. O autor coloca para nossa leitura a forma que as profecias repercutiam no âmbito do conflito com os muçulmanos:

“[...] a esperança de reconquista e de vitória sobre os muçulmanos, pondo-se fim à ocupação vista como punição de Deus sobre seu povo, já fora encorajada pela interpretação de profecias mais ou menos bíblicas que previam o fim daquela dominação, às vezes vagamente, num vínculo com a aproximação do fim dos tempos.”<sup>103</sup>

Dando continuidade à sua análise, Jean Flori identifica ponto em comum entre o caráter guerreiro da *jihad* e da cruzada. Flori entende que o caráter bélico e conquistador do Islã caracterizou suas primeiras conquistas em nome da nova fé, sendo estendidas pelos sucessores de Maomé para outros territórios além das tribos árabes<sup>104</sup>. Portanto, Jean Flori entende que a *jihad* também possuía caráter sacralizado, buscando garantir a soberania do seu Deus e domínio de territórios<sup>105</sup>.

Entretanto, é nas principais diferenças entre *jihad* e cruzada que a análise de Jean Flori contribui para enriquecer este trabalho. Como primeira diferença, Flori aponta que os muçulmanos eram mais tolerante (na ausência de outra palavra, segundo o autor) em relação a judeus e cristãos em seus territórios conquistados, sendo esta característica legitimada pela forte consolidação do cristianismo e do judaísmo na época de Maomé<sup>106</sup>.

Como outra diferença apontada por Flori, a *jihad* pregava a conquista, enquanto a guerra santa, a reconquista. Neste viés, a *jihad* estendia seu território a partir dos seus

<sup>100</sup>DEMURGER, Alain, op.cit., pp. 22-24.

<sup>101</sup>FLORI, Jean. *Guerra Santa: Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Campinas, Editora Unicamp, 2013, p. 352.

<sup>102</sup>IDEM, Ibidem, p.353.

<sup>103</sup>IDEM, p. 353.

<sup>104</sup>IDEM, Ibidem, p. 357.

<sup>105</sup>IDEM, Ibidem, p. 358.

<sup>106</sup>IDEM, p. 358.

principais santuários: Meca, Medina e Jerusalém, enquanto que muitos lugares sagrados da cristandade situavam-se em zonas vulneráveis<sup>107</sup>.

Como último ponto de diferenciação, o *jihad* era original na religião muçulmana, enquanto que a guerra santa não estava preconizada para o cristianismo. Em vista destas diferenças, Flori propõe a seguinte definição: “Cruzada é uma guerra santa que tem por objetivo a libertação de Jerusalém”<sup>108</sup>.

Não apenas pelos seus feitos e conquistas o Cavaleiro pode ser entendido sob aspecto idealizado, sendo também suas próprias vestimentas e posses um fator preponderante na construção deste personagem como portador dos ideais de cavalaria e distinção social:

“Quanto aos bens que ostentava, tinha excelentes cavalos, mas o traje era discreto: o gibão que vestia era de fustão, manchado aqui e ali pela ferrugem da cota de malha. Regressara, havia pouco, de mais uma campanha, partindo em peregrinação logo em seguida.”<sup>109</sup>

Contudo, não são apenas os excelentes cavalos, a vestimenta gasta e as campanhas exitosas que fazem do Cavaleiro um peregrino de condição social vantajosa, estando a posse de um criado colocada como uma principal característica de distinção social. Chaucer caracteriza o criado como um bom caçador, que portava um arco e em seu peito uma medalha de São Cristóvão<sup>110</sup>.

Acompanhando o experiente Cavaleiro, Chaucer apresenta ao leitor outro personagem advindo da camada nobiliárquica, o Escudeiro:

“Fazia-se acompanhar do filho, um jovem ESCUDEIRO, um aspirante à Cavalaria, galante e fogoso, de cabelos com tantos caracóis que pareciam frisados. Calculo que devia ter uns vinte anos. Era de altura mediana, aparentando possuir notável agilidade e grande força. Já havia servido em combates na Flandres, no Artois e na Picardia, e, não obstante o pouco tempo, dera provas de coragem, tentando conquistar as graças de sua dama”<sup>111</sup>.

Até aqui é possível perceber muitas semelhanças entre pai e filho. Ambos pertencem à uma aristocracia guerreira, realizando campanhas por diferentes localizações e sempre obtendo renome; estes dois personagens são caracterizados por sua gentileza e cordialidade para com suas damas, assim como são descritos por serem honrados e corajosos.

<sup>107</sup> IDEM, Ibidem, p. 359.

<sup>108</sup> IDEM, Ibidem, p. 360.

<sup>109</sup> CHAUCER, Geoffrey, op.cit., 39.

<sup>110</sup> IDEM, Ibidem, pp.39-41.

<sup>111</sup> IDEM, Ibidem, p.39.

Entretanto, pai e filho não serão analisados como figuras idênticas neste trabalho. Ainda durante a apresentação do Escudeiro, é possível perceber diferenças em relação ao pai do jovem, conforme escreve Chaucer:

“Passava os dias a cantar e a tocar flauta, e tinha o frescor do mês de maio. Envergava um saio curto, com mangas longas e bufantes. Montava e cavalgava com destreza, compunha versos e com arte os declamava, sabia justar e dançar e desenhar e escrever. Amava com tal ardor que, à noite, dormia menos do que um rouxinol.”<sup>112</sup>

Portanto, é perceptível a partir desta citação a primeira particularidade do Escudeiro em relação ao seu pai, a inclinação artística. O Cavaleiro vai ao encontro de uma orientação de um soldado veterano em combate, austero e com grande sabedoria em virtude da idade. Por outro lado, o Escudeiro, com sua vocação artística, oferece um modelo possível de nobreza mais complexo e enriquecedor nos *Contos da Cantuária*.

Para melhor entender as demais semelhanças e diferenças que Cavaleiro e Escudeiro demonstram, é necessário partir para a análise de seus contos. Referente à análise mais precisa destes contos, serão inseridas as seguintes questões: temática(s) abordada(s) e a reação de outros peregrinos no decorrer da narrativa destes contos.

*O Conto do Cavaleiro* é o primeiro a ser narrado, abrindo assim a competição entre os peregrinos. A narrativa deste personagem inicia com os feitos do duque Teseu<sup>113</sup>, duque de Atenas, que “era tão grande conquistador que outro maior, naquele tempo, não existia sobre o sol”. Após esta breve caracterização, Chaucer mostra o traço de gentileza expresso pelo duque para com as viúvas, que perderam seus maridos que batalharam contra o tirano Creonte:

“Ouvindo-as falar assim, comovido, o gentil duque apeou de seu cavalo. Partia-lhe o coração ver todas aquelas damas, que outrora foram ditosas, em semelhante estado de abatimento e miséria. E em seus braços as envolveu, e generosamente as consolou, jurando, por sua honra de cavaleiro, que empenharia todas as suas forças para punir o despótico Creonte – de tal forma que, por muito tempo ainda, recordaria a Grécia a vingança de Teseu, aquele que deu morte a quem fez por merecê-la.”<sup>114</sup>

A partir desta passagem do conto, percebemos dois pontos em comum entre Teseu, Cavaleiro e Escudeiro: gentileza e honra. Em suas apresentações feitas por Chaucer, pai e filho possuem estas características como traços importantes de suas personalidades, indo ao encontro da caracterização dos Cavaleiros da Távola Redonda feita por Asaad Al-Saleh.

<sup>112</sup>IDEM, Ibidem, pp.39-41.

<sup>113</sup> Na obra de Chaucer, não fica claro se o personagem Teseu aqui referido é o mesmo da fábula do labirinto, sendo apenas perceptível como figura de poder, prestígio e heroísmo.

<sup>114</sup>IDEM, Ibidem, p.79.

Teseu desafia Creonte em campo aberto, trazendo a justiça e restituindo os ossos dos falecidos maridos às respectivas viúvas, demonstrando a honra do comandante. Passado o calor do combate entre os exércitos dos dois comandantes, Arcite e Palamon (membros da linhagem nobre de Creonte) são encontrados e presos.

A partir da prisão dos dois jovens nobres, o *Conto do Cavaleiro* começa a abordar a temática do amor cortês. O amor cortês é um traço presente em muitos romances medievais de cavalaria, sendo parte importante na construção da aventura. Todavia, Walter Wadiak afirma que o *Conto do Cavaleiro* rejeita padrões da aventura romântica, por não haver nenhum cavaleiro saindo em jornada; ao invés disso o enredo se desenrola com os protagonistas mais fixados em um determinado local, neste caso Atenas e arredores<sup>115</sup>.

Logo, a temática do amor cortês começa a ser abordada no *Conto do Cavaleiro* no ambiente de cárcere de Palamon e Arcite, prisão que está situada nos limites territoriais de Atenas, sob o governo de Teseu, sendo o cenário pelo qual se desenrola a trama deste conto. Portanto, é preciso ilustrar como estes dois nobres reagiram a esta situação desesperadora:

“E assim se passaram os dias e assim se passaram os anos, até que uma vez, em uma manhã de maior, Emília, mais bela que o lírio no seu verde talo e mais viçosa que os botões da primavera (o seu rubor rivalizava com a rosa, pois não sei qual dos dois era mais lindo...), antes que o sol raiasse, como soía fazer, levantou-se da cama e se vestiu.”<sup>116</sup>

A torre na qual Palamon e Arcite estavam presos fazia limite com o jardim frequentado pela bela Emília. Palamon, avista Emília e é a partir desta ação que a mulher é divinizada (primeiro por Palamon):

“Palamon, no entanto, retorquiu: “Oh não, meu primo, enganaste muito no que estás imaginando. Não foi esta prisão o motivo de meu grito; fui, através dos olhos, ferido no coração – e isto há de ser meu fim! O encanto daquela dama que no jardim posso ver, a caminhar sem destino, foi a causa de meu grito e de todo o meu sofrer. Não sei se é mulher ou deusa... Oh não, só pode ser Vênus!”<sup>117</sup>

Logo após ouvir a declamação de seu primo Palamon, Arcite também corre para espiar a jovem dama em seu passeio, também ficando abalado com a beleza da jovem, exclamou:

<sup>115</sup>WADIAC, Walter, op.cit., p.164.

<sup>116</sup>CHAUCER, Geoffrey, op.cit., p.81.

<sup>117</sup>IDEM, Ibidem, p.83.

“Vai me matar a fresca formosura daquela que ali embaixo perambula! Se não me conceder sua mercê e sua graça, permitindo-me ao menos que a reveja, bem sei que vou morrer. Não posso dizer mais!”<sup>118</sup>

Após a exclamação de Arcite, aparece no conto um desvio dos ideais da cavalaria. Ao se desentenderem, em virtude de ambos estarem apaixonados pela mesma donzela, estes dois nobres vão de encontro ao seu juramento de irmandade. Contudo, não pode ser identificada nesta parte do *Conto do Cavaleiro* uma ruptura plena com os ideais dos romances de cavalaria, devido à permanência do amor cortês e da idealização da mulher pelos dois nobres.

Arcite, com o auxílio de um influente amigo (Peroteu), consegue sair da prisão, mas é proibido de regressar até os limites de Atenas, sob pena de morte. No entanto, o jovem tebano consegue se disfarçar, inclusive utilizando outro nome: Filóstrato, conseguindo assim aproximar-se de Emília:

“Por um ano ou dois ficou nesse trabalho, como pajem de câmara da formosa Emília, dizendo-se chamar Filóstrato. Jamais houve na corte homem de sua condição que fosse tão estimado; graças à sua conduta sempre gentil, sua fama se espalhou por toda parte. Diziam mesmo que seria um ato de justiça se Teseu o promovesse, designando-o para tarefas mais honrosas, onde pudesse evidenciar o seu valor.”<sup>119</sup>

O jovem Arcite consegue adentrar o círculo social da corte de Teseu, ao ser nomeado pelo próprio duque como seu escudeiro pessoal. Aqui, Walter Wadiak tece comparações entre o jovem Arcite e o próprio Geoffrey Chaucer. Wadiak argumenta que esta proximidade entre personagem e autor é válida devido ao fato de ambos (personagem e autor) serem contemplados e privilegiados pela corte em virtude de seus serviços<sup>120</sup>.

Outro ponto sustentado por Wadiak, é de que Arcite seria um personagem bastante semelhante com a classe mercantil da época, em termos de ser discreto e de conseguir recompensas por serviços. Porém, ao comparar personagem e autor, Wadiak incorre no erro de aproximar a função-autor da figura do narrador e do personagem, limitando a complexidade do personagem ao ser colocado como um mero retrato do criador da obra.

Após sete anos preso, Palamon conseguiu escapar da prisão e, com o intuito de esconder-se de Teseu, o nobre foge até um bosque, próximo de onde estivera, encontrando Arcite. Logo após os primos se reconhecerem, e se confrontarem pelo amor de Emília, combinam um duelo no mesmo bosque, conforme as palavras de Arcite:

<sup>118</sup>IDEM, p.83.

<sup>119</sup>IDEM, Ibidem, p.93.

<sup>120</sup>WADIAC, Walter, op.cit., p.168.



“Oh grande tolo, ainda não sabes que o amor é livre? Não importa o que faças, eu sempre irei amá-la! Todavia, já que és um digno cavaleiro e desejas em duelo disputar a nobre dama, dou-te minha palavra de que amanhã, sem falta, sem o testemunho de quem quer que seja, poderás enfrentar-me como um bravo. Trarei as armas de que necessitas; permitirei que escolhas as melhores e deixes as piores para mim. E esta noite hei de prover-te de alimentos e água, bem como de agasalhos para o teu repouso. Se me venceres no combate e neste bosque me matares, hás de ficar então com minha dama!”<sup>121</sup>

No momento do duelo, Teseu mais uma vez emerge como figura de protagonismo na esfera do conto, impedindo os dois contendores a continuarem seu duelo. O governante de Atenas propõe a realização de um torneio, no qual o vencedor teria Emília como esposa:

“Minha vontade é simplesmente, sem qualquer contestação... aceitai-a sem rodeios, se ela for de vosso agrado... minha vontade é que partais agora para onde bem entenderdes, livremente, sem riscos e sem resgates; e que, daqui a cinquenta semanas mais ou menos, retornéis, trazendo cada qual cem cavaleiros, inteiramente armados para luta, a fim de disputa-la num torneio.”<sup>122</sup>

Aqui a floresta também aparece como ambiente que contribui para o desvio dos personagens da cavalaria idealizada. Le Goff, ao analisar o episódio da loucura de Yvain, argumenta que a floresta é o local da ruptura do cavaleiro com sua característica de herói<sup>123</sup>. No entanto, nesta parte do Conto do Cavaleiro, não há uma total ruptura para com os ideais da cavalaria, e isto se deve à ideia de Arcite e Palamon em travarem um duelo honrado, seguido pela elaboração do torneio por parte de Teseu, a qual os jovens guerreiros acatam.

Asaad Al-Saleh discute a figura de Teseu sob a perspectiva de dinâmicas de poder e controle. O autor argumenta que Teseu, ao compelir Arcite e Palamon a lutarem segundo suas regras, mostra-se como controlador da vontade e dos interesses dos dois oponentes<sup>124</sup>, neste caso o interesse dos contendores é conquistar a mão de Emília em casamento, mas, devendo ser obedientes também à vontade do governante ateniense.

No espaço que consiste na preparação para o torneio e da parte marcial deste evento, aparece na esfera do *Conto do Cavaleiro* um maior espaço para o desenvolvimento da figura de Emília, consistindo na opinião da jovem quanto ao torneio, suas preferências e sua relação com a religião.

<sup>121</sup>CHAUCER, Geoffrey, op.cit., pp.99-101.

<sup>122</sup>IDEM, Ibidem, pp.107-109.

<sup>123</sup>LE GOFF, op.cit., p.126.

<sup>124</sup>AL-SALEH, Asaad, op.cit., p.44.

Poucas vezes no *Conto do Cavaleiro* é percebida a ação de fala das personagens femininas, sendo um traço prejudicial para riqueza deste conto. O espaço que Emília recebe nesta parte da trama, é crucial para a riqueza de nossa análise ao mostrar o espaço de fala de uma personagem mulher, que longe dos olhos de Teseu, seu pai, pode extravasar o que sente durante uma prece à deusa Diana:

“[...] Casta deusa, bem sabeis que o que mais quero é ser virgem toda a vida, e nunca tornar-me esposa nem amante. Como não ignorais, ainda integro vosso séquito, ainda sou donzela, e amo a caça, a montaria, e errar pelos bosques selvagens. Não pretendo casar-me e ter filhos, nem conhecer a companhia de um homem.”<sup>125</sup>

A prece de Emília para a deusa Diana evidencia, pela primeira vez nos *Contos da Cantuária* como um todo, a figura feminina fora dos padrões idealizados. Esta característica pode ser percebida nas preferências de Emília em favor da caça, da montaria e do passeio nos bosques; e depois melhor aprofundada durante o *Conto da Mulher de Bath* por outra perspectiva, a do ato sexual.

Entretanto, a figura feminina encontra um papel subordinado ao homem no *Conto do Cavaleiro*. Esta questão está atrelada à resposta que Diana deu a Emília enquanto ao seu destino:

“Foi então que Diana apareceu diante dela, com o arco na mão e as vestes de caçadora, e lhe falou: Filha põe de lado essa tristeza! Entre os deuses supremos está decidido e pela palavra eterna confirmado que deverás desposar um dos dois jovens que sofrem e se afligem por tua causa; mas qual dos dois não posso te dizer.”<sup>126</sup>

A influência divina (e mitológica), presente durante a prece de Emília, também se manifesta em grande escala no desenrolar do torneio, já no final do conto. A presença da fortuna (ou do acaso) e da intervenção dos deuses são cruciais para a decisão do torneio, favorecendo Palamon, tornando-o então vitorioso e o esposo de Emília:

“O braço de Arcite, que removera o elmo para mostrar-se ao povo, fazia a volta da arena montado num cavalo, olhando fixo para Emília; esta por sua vez devolvia-lhe o olhar afetuoso [...] De repente, elevou-se do chão uma fúria infernal, mandada por Plutão a pedido de Saturno, que assustou o corcel e o fez girar, saltar para o lado, e tropeçar durante o salto. Apanhado desprevenido, Arcite foi atirado ao solo de cabeça, ferindo o peito no arção; e onde caiu ficou, como se estivesse morto.”<sup>127</sup>

<sup>125</sup>CHAUCER, Geoffrey, op.cit., p.123.

<sup>126</sup>IDEM, Ibidem, p.125.

<sup>127</sup>IDEM, Ibidem, p.137.

Por conseguinte, o caráter mitológico presente no *Conto do Cavaleiro* é uma peça fundamental não apenas para o desenrolar da trama, mas também para compreendermos a situação que a mulher ocupa nesta parte da obra, estando subordinada à figura masculina, com esta questão legitimada pela vontade dos deuses. No entanto, o *Conto do Cavaleiro* mostra um grande vínculo com os romances de cavalaria, manifestado pelas práticas do amor cortês e pela honra de um cavaleiro, não constituindo uma plena ruptura com os romances da época.

Como mencionado anteriormente, Escudeiro e Cavaleiro serão analisados também frisando suas diferenças, estendendo esta diretriz para o âmbito de seus contos. Assim como no conto anterior, as diversas temáticas que surgem serão abordadas, sempre focando para a resposta que outros peregrinos podem vir a mencionar.

Da mesma forma que o conto narrado por seu pai, o Escudeiro começa sua trama relatando os feitos de um grande rei, Cambuscán, rei dos tártaros que movia guerra aos russos. Entretanto, ao contrário do Cavaleiro, o Escudeiro mostra-se mais sucinto em relação ao nível de detalhes de sua narrativa, indo mais direto ao ponto, e para mostrar essa diretriz o personagem argumenta que não possui um nível de excelência retórica para descrever toda a beleza de Cânace, a filha do rei:

“Nessa alta empresa não me arrisco, pois meu vocabulário é insuficiente. Somente um consumado orador, conhecedor profundo das figuras de retórica, seria capaz de traçar o seu retrato. E como não sou tal, falo as coisas como saem.”<sup>128</sup>

Neste conto, ao contrário do *Conto do Cavaleiro*, há uma modéstia por parte do Escudeiro, enquanto ao seu vocabulário e nível de conhecimento. Esta característica se manifesta na descrição rápida do Escudeiro sobre o palácio de Combuscán: “Se eu fosse mencionar tudo que havia, eu levaria um dia de verão inteiro”.

O conto fica com uma narrativa mais intensa, a partir do momento de entrada no palácio real de um imponente cavaleiro que trazia presentes para a família real à mando do rei da Arábia e das Índias:

“Após servirem o terceiro prato, quando o rei, em seu esplendor, estava atento à deliciosa música dos menestréis diante de sua mesa, eis que, de repente, adentrou o salão um cavaleiro montado num cavalo de bronze, trazendo na mão um grande espelho de cristal. Via-se um anel de ouro em seu polegar, e do lado lhe pendia uma espada nua. E assim avançou ele em direção ao rei.”<sup>129</sup>

---

<sup>128</sup>IDEM, Ibidem, p.577.

<sup>129</sup>IDEM, Ibidem, p.579.

Durante a parte da descrição dos presentes (cavalo de bronze, espada, espelho e anel), o *Conto do Escudeiro* apresenta um direcionamento mais voltado para ciências e tecnologia. Chaucer descreve as funções dos presentes e como aqueles que estavam no palácio os admiravam, mas também não conseguiam entender como funcionavam.

O cavalo de bronze foi o primeiro dos presentes a ser descrito por Chaucer, onde muitos das pessoas presentes no palácio argumentavam que “deveria ser coisa do Reino Encantado”. Este presente foi foco de muita complexidade, sobre como poderia se mover mesmo sendo de metal, também deixando muitos convidados inquietos e receosos:

“E muitas outras dúvidas eles levantavam e discutiam, como costumam fazer os ignorantes quando deparam com coisas de complexidade maior da que lhes permite compreender a sua ignorância; parecem sentir prazer em imaginar sempre o pior.”<sup>130</sup>

Durante as indagações sobre o espelho, que tinha o poder de revelar calamidades e de discernir amigo de inimigo, é possível perceber que os membros da corte citam nomes de figuras intelectuais, entre elas, Aristóteles:

“Alguns estavam intrigados com o espelho que fora guardado no torreão, querendo saber como ele podia mostrar aquelas coisas. Em resposta, outros explicavam que, naturalmente, devia ser por sutis combinações de ângulos e de reflexos, acrescentando que existiria um igual em Roma antiga. Também mencionavam Al-Hazém, Vitello e Aristóteles, que como sabem os que conhecem suas obras, escreveram sobre espelhos estranhos e sobre perspectivas.”<sup>131</sup>

A espada, cujo poder era perfurar qualquer material, é o item que mais se direciona às relações de heroísmo dentro deste conto, “lembrando o episódio do rei Téletio e de Aquiles”. Ao falar sobre este presente, o Escudeiro mais uma vez dá mostras de sua modéstia:

“E avaliavam os vários processos de têmpera, discorrendo sobre os ingredientes usados e sobre como e quando se deve trabalhar o metal – coisa que, seja lá como for, eu desconheço.”<sup>132</sup>

Contudo, é o anel destinado à princesa Cãnace e cujo poder era a compreensão da linguagem das aves, que proporciona um novo rumo para o *Conto do Escudeiro*. Após receber o anel, Cãnace se dirige à floresta e encontra uma falcoa ferindo a si mesma e, com o auxílio do anel, consegue falar com a ave:

“Qual a causa, se podes me dizer, por que sofres de cruéis dores do inferno? Perguntou Cãnace à ave. É tristeza por morte, ou pela perda do amor? Pois,

<sup>130</sup>IDEM, Ibidem, p.583.

<sup>131</sup>IDEM, p.583.

<sup>132</sup>IDEM, p.583.

quero crer, são esses os dois motivos por que, em geral, padecem os corações gentis.”<sup>133</sup>

A ave por sua vez, menciona que perto de onde estavam, vivia um falcão macho “que parecia a fonte de toda a cortesia”, que fingira devoção à ela por muitos anos, para depois engana-la e troca-la por outra. Esta parte evidencia uma abordagem diferente sobre amor, em relação ao *Conto do Cavaleiro*, fugindo do ideal de amor cortês:

“Assim fez, ai, o falcão naquele dia! Malgrado o seu sangue fidalgo, sua juventude e jovialidade, seu nobre aspecto, gentil e generoso, no instante em que viu passar por ele uma fêmea de milhafre, apaixonou-se tanto por ela que se esqueceu de mim completamente. E foi assim que me traiu! E foi assim que devotou a uma outra o seu amor, e, sem amparo, fiquei só e abandonada!”<sup>134</sup>

Quando o Escudeiro termina de falar sobre o caso da ave traída e do anel da princesa, não menciona os detalhes de como a ave reconquista seu amor. Entretanto, quando o jovem ia falar de Cambuscán e de seu filho, Algarsife, o conto encontra-se inacabado, com base no fac-símile de Walter Skeat<sup>135</sup> e também na versão de Paulo Vizioli.

Mesmo o *Conto do Escudeiro* estando inacabado, a análise deste personagem ainda se estende, especialmente pela figura do Proprietário de Terras. O Proprietário de Terras, mesmo quando o Escudeiro reconheceu falta de aptidão em diversos tópicos de seu conto, parabenizou o jovem nobre, por sua retórica e prudência na fala:

“Por minha fé, Escudeiro, você se saiu muito bem, e com muito garbo. Parabéns!”, disse o Proprietário de Terras. “Levando-se em conta a sua pouca idade, você fala de modo bastante ajuizado. Aceite as minhas congratulações. Acho que ninguém aqui será capaz de igualá-lo na eloquência, se viver mais alguns anos. Que Deus lhe dê prosperidade e o mantenha na virtude! Foi enorme o meu prazer em ouvi-lo.”<sup>136</sup>

### **3.3 Projeção histórica do Cavaleiro e do Escudeiro a partir de suas interações com outros peregrinos**

Retomando o ponto onde Walter Wadiak atribui a característica para muitos romances ingleses como sucessões de vitórias e proezas da cavalaria, o Escudeiro pode ser percebido indo de encontro a esta premissa. Robert S. Haller, propõe o argumento de que o jovem nobre

<sup>133</sup>IDEM, Ibidem, p.591.

<sup>134</sup>IDEM, Ibidem, p.597.

<sup>135</sup>SKEAT, Walter William. *The Complete Works of Geoffrey Chaucer*. Vol.4, segunda edição. Oxford University Press, Londres, 1900. p.480. In: [http://lf-oll.s3.amazonaws.com/titles/1227/0465-04\\_Bk.pdf](http://lf-oll.s3.amazonaws.com/titles/1227/0465-04_Bk.pdf). Acesso no dia 04/11/2016.

<sup>136</sup>CHAUCER, Geoffrey. op.cit, p.599.

é o único poeta de todos os peregrinos, inclusive com a habilidade de escrever sua própria poesia<sup>137</sup>.

Haller continua seu argumento de que o treinamento em arte, e arte retórica, que o Escudeiro teve pode ser entendido como uma preparação para função diplomática<sup>138</sup>. É difícil encarar o jovem escudeiro como um membro da diplomacia, visto que o Cavaleiro também realizou ao longo de sua vida muitas viagens; mas, é viável entendermos o *Conto do Escudeiro* como um “alívio” da figura idealizada e romantizada do ideal cavaleiresco e do amor cortês, onde o Escudeiro consegue realizar a proeza na fala, ao invés do combate.

Pelo lado do Cavaleiro, quando este narrou seu conto, não foi feita nenhuma intervenção por parte de algum peregrino, seja através de elogios ou de repreensão. Todavia, é o Cavaleiro que toma iniciativa, interrompendo a narrativa do Monge, estando esta ação situada no Prólogo do Conto do Padre da Freira:

“Não!”, bradou o Cavaleiro, “Basta, meu bom senhor! Tudo o que disse é verdade, não há dúvida... e mais do que verdade. Mas creio que, para a maioria das pessoas, um pouco de tristeza é suficiente. Digo-o por mim. Acho muito desagradável ficar ouvindo sobre a queda inesperada dos que antes possuíam riquezas e felicidade! O contrário, sim, me conforta e alegra; ou seja, quando alguém, previamente na miséria, é bafejado pela sorte, ascende a posições mais elevadas e permanece na prosperidade.”<sup>139</sup>

Este ato praticado pelo Cavaleiro serve como ponto de partida para a análise de R.E. Kaske sobre a figura do Cavaleiro em contraponto com o Monge, oferecendo subsídios valiosos para a análise da cavalaria nos *Contos da Cantuária*. Kaske inicia seu texto expondo o Cavaleiro e o Monge como antíteses no Prólogo geral, com o Cavaleiro seguindo uma vida mais ativa, enquanto o Monge um estilo de vida voltado para a contemplação<sup>140</sup>.

Kaske continua sua análise retratando Cavaleiro e Monge como os peregrinos de maior posição social, porém, o Cavaleiro conta com mais conquistas pessoais do que sua contraparte, o Monge, sendo dificilmente superado por qualquer outro peregrino.<sup>141</sup> O autor entende estes dois personagens como vetores dos ideais monásticos de cavalaria e

<sup>137</sup>HALLER, Robert S. *Chaucer's Squire's Tale and the Uses of Rhetoric*. In: *Modern Philology*, vol.62, nº4. The University of Chicago Press, 1965. p.286. In: <http://www.jstor.org/stable/436364>. Acesso no dia 22/11/2016.

<sup>138</sup>IDEM, p.286.

<sup>139</sup>CHAUCER, Geoffrey. op.cit. p.359. Na versão de Walter Skeat, este trecho se localiza também no Prólogo do Conto do Padre da Freira, nas páginas 269-270.

<sup>140</sup>KASKE, R. E. *The Knight's Interruption of The Monk's Tale*. In: *ELH*, Vol.24, nº4. The John Hopkins University Press, 1957. In: <http://www.jstor.org/stable/2871956>. Acesso no dia 13/11/2016. p.252.

<sup>141</sup>IDEM, p.252.

monasticismo e mesmo personificando estilos de vida distintos, Kaske argumenta que há a combinação destes dois ideais em ordens militares, como Teutônicos e Hospitalários<sup>142</sup>.

Esta combinação de ideais mencionada por R.E. Kaske fica mais nítida com a análise de Alain Demurger. No segundo capítulo de seu livro, Demurger sintetiza a configuração da ordem Teutônica em dois momentos, no século XII e no século XIV. Durante o século XII, a ordem dos Teutônicos recebera uma regra mista: “a do Templo para suas atividades militares e sua vida conventual, a dos hospitalários para sua atividade de caridade.”<sup>143</sup>

Contudo, R.E. Kaske apresenta uma importante questão, ao mencionar que Cavaleiro e Monge podem pressupor duas instituições medievais: feudalismo secular e Igreja<sup>144</sup>, após haver mencionado a existência de uma combinação entre ideais destes personagens. Logo, é necessária a reflexão acerca do universo normativo que pautou a cavalaria medieval, e como estas normas se materializam nos *Contos da Cantuária*.

Alain Demurger dedica um capítulo de seu livro para dissertar sobre o universo normativo que pautava as ordens militares pela Europa. Por Regra, Demurger entende como “texto que fixava compromissos religiosos, os usos conventuais e os deveres dos novos irmãos no instante em que fazia profissão na ordem”.

Sobre compromissos religiosos, é possível perceber esta questão durante a apresentação do Cavaleiro no Prólogo geral, quando este personagem mostrava-se valente nas guerras de seu suserano, embrenhando-se pela cristandade e pela terra dos pagãos<sup>145</sup>. Contudo, Cavaleiro e Escudeiro apresentam contradições a certos aspectos das regras abordadas por Demurger.

Alain Demurger, ao analisar Regra Beneditina e a de Santo Agostinho, e como estas se reproduzem dentro das ordens militares, aponta alguns aspectos em comum: obediência, pobreza e castidade. Sobre o aspecto da obediência, tanto Cavaleiro e Escudeiro mostram-se obedientes para com um superior, seja na figura do Cavaleiro para com seu suserano nas batalhas as quais lutou; ou pela figura do Escudeiro em relação a seu pai.

No entanto, a questão da pobreza e da castidade vai de encontro às Regras das ordens religioso-militares. O Cavaleiro possui um criado, e excelentes cavalos, enquanto que seu filho veste-se com roupas mais extravagantes, contribuindo assim para um afastamento destes personagens do viés de monge de tipo militar.

---

<sup>142</sup>IDEM, Ibidem. pp.253-254.

<sup>143</sup>DEMURGER, Alain. op.cit., p.39.

<sup>144</sup>KASKE, R.E. op.cit. pp. 253-254.

<sup>145</sup> Por pagãos, estes podem ser compreendidos nos *Contos da Cantuária* como não-cristãos.

A juventude é um fator de suma importância na esfera da cavalaria nos *Contos da Cantuária*, permeando os jovens Arcite e Palamon, assim como o Escudeiro. Arcite e Palamon, personagens do *Conto do Cavaleiro*, e o Escudeiro remetem à algumas condições de recrutamento comuns na Idade Média.

Escudeiro, Arcite e Palamon possuem em comum a linhagem nobre. Demurger explica que o ingresso era livre e voluntário em muitas ordens militares, onde a família, a linhagem e o grupo vassálico influenciavam<sup>146</sup>. A pequena e a média nobreza constituíam o maior contingente de recrutamento das ordens religioso-militares; todavia, não há informações suficientes para categorizar o Escudeiro, Arcite e Palamon em um segmento da nobreza, tornando mais difícil suas materializações como modelos possíveis do século XIV.

Jacques Le Goff, também expõe a importância da juventude na literatura cavaleiresca, como modelo histórico-literário a partir do século XII. Le Goff, utiliza Georges Duby como referencial teórico, argumentando que a juventude aristocrática já se configurava como guerreira, onde o “jovem” pode ser considerado como adulto e inserido no grupo de guerreiros, recebendo armas e vestidura<sup>147</sup>.

Le Goff, a partir de Duby, entende que a juventude pode ser definida “como a parte da existência que compreendida entre a vestidura e a paternidade”<sup>148</sup>. O Escudeiro se distancia desta ideia de juventude, ao agregar suas habilidades artísticas e retóricas ao seu repertório, sendo reconhecido por estes recursos ao invés da proficiência em combate.

A figura do Escudeiro demonstra maior riqueza poética em relação ao seu pai, o Cavaleiro, e esta situação se deve às habilidades retóricas, poéticas e artísticas que o jovem possui, e pelas quais fora elogiado pelo Proprietário de Terras. Demurger explicita que nos dois últimos séculos da Idade Média, o ensino mostrava crescimento, com multiplicações de escolas entre os anos de 1330-80, repercutindo também em algumas ordens militares<sup>149</sup>.

O fato é que podemos afastar o Escudeiro do arquétipo de cavaleiro soldado, oferecendo um caráter heterogêneo para a compreensão da nobreza do período de Chaucer. Entretanto, a abordagem das ordens militares construída por Alain Demurger não consegue dar conta de abranger todos os aspectos aqui abordados sobre a cavalaria nos *Contos da Cantuária*, o que evidencia um direcionamento do Cavaleiro e do Escudeiro à características seculares como: riqueza, posses, narrativas heroicas e constituição de família.

<sup>146</sup>DEMURGER, Alain. op.cit. p.84.

<sup>147</sup>LE GOFF, op.cit., p.133.

<sup>148</sup>IDEM, p.133.

<sup>149</sup>IDEM, Ibidem. p.167.



## CONCLUSÃO

Nos *Contos da Cantuária* Escudeiro e Cavaleiro apresentam muitas semelhanças entre si, conforme consta no Prólogo da obra, acerca de suas origens nobre e também pelo destaque em batalhas. Entretanto, conforme os personagens narram seus respectivos contos é possível perceber que suas diferenças vão ficando cada vez mais evidentes, colocando em questão a configuração de cavaleiro proposta por Geoffrey Chaucer.

Entre os séculos XII e XIII, a atividade do guerreiro entrava em confluência com a característica sazonal de combate, sem os exércitos feudais serem organizados, muito menos profissionais permanentes, e também sendo comum o uso de mercenários<sup>150</sup>. Logo, devemos encarar a cavalaria em Chaucer como corporação que já gozava de privilégios em termos de propriedade e prestígio, conforme evidenciado pela descrição do Cavaleiro e do Escudeiro durante o Prólogo.

No âmbito do enredo dos contos, a temática do amor é a que une o Conto do Cavaleiro e o Conto do Escudeiro sob um eixo narrativo similar. Contudo, o Cavaleiro narra o seu conto com o viés mais voltado para o amor cortês, deixando a figura de Emília como subordinada à vontade masculina, sendo este ideal legitimado na passagem da prece da jovem à deusa Diana.

A abordagem distinta que o Escudeiro estabelece sobre o amor é o fator que nos possibilita entender uma falha na idealização da cavalaria e de seu amor cortês. A enganação, por parte do Falcão sobre sua consorte, evidencia que a fidalguia, a juventude e o aspecto nobre não podem ser considerados como aspectos que compõem a cavalaria em toda sua plenitude enquanto modelo possível desta ordem no século XIV.

Os atos de combate são recorrentes no Conto do Cavaleiro, a exemplo do duelo no bosque entre Arcite e Palamon e o embate entre estes dois cavaleiros no torneio idealizado, e organizado, por Teseu. O torneio retoma as questões referentes à nobreza guerreira, portadora de grande honra e destaque em batalha. Todavia, neste conto Chaucer não se distancia totalmente dos romances de cavalaria, ao pautar as ações de Arcite e Palamon pelo referencial do amor cortês.

Sob a perspectiva das proezas feitas por jovens cavaleiros em suas jornadas, a aventura destacava-se como característica quase imprescindível nos romances ingleses, tornando-os muitas vezes previsíveis. O Conto do Escudeiro possibilita uma quebra nessa característica de previsibilidade, ao relatar a reação dos residentes do palácio de Cambuscán para com os

---

<sup>150</sup>IDEM, Ibidem, p.114.

presentes enviados pelo rei da Arábia e das Índias, e por também exprimir modéstia ao referir-se à suas habilidades.

No entanto, é perceptível na figura do Escudeiro (enquanto personagem apresentado no Prólogo e também como narrador de seu próprio conto) como realizador de proeza. Contudo, este ato de proeza do jovem não está posto dentro da esfera do combate, mas sim da habilidade lírica, artística e retórica.

Ao ser elogiado pelo Proprietário de Terras, o Escudeiro pode ser alçado como ponto de ruptura feita por Chaucer em relação aos padrões dos romances de cavalaria devido à sua habilidade retórica. Porém, não podemos nos ater apenas à retórica demonstrada pelo postulante à cavaleiro, mas sim destacar (da mesma forma que Robert S. Haller) sua vocação artística e musical, conferindo à nobreza nos *Contos da Cantuária* um distanciamento do soldado.

Visando compreender a obra de Chaucer de forma coesa, foi necessário analisar a repercussão que os contos do Cavaleiro e do Escudeiro tiveram no conjunto para que a narrativa não seja colocada sobre ótica linear. Katharina Rosenfield argumenta que a lógica do tecido artístico é gerada pelas tensões de múltiplas figuras, detentoras de certo número de valores universais, no interior de uma rede de relações<sup>151</sup>, indo ao encontro do elogio feito pelo Proprietário de Terras ao Escudeiro e a interrupção feita pelo Cavaleiro ao Monge.

Portanto, Cavaleiro e Escudeiro podem ser considerados como dois modelos distintos de cavalaria presentes nos *Contos da Cantuária* e possíveis na realidade sociopolítica do século XIV. Por conseguinte, a multiplicidade temática de Chaucer se mostra ainda mais rica, ao abarcar personagens da mesma camada social, mas que expõem pontos de vista diferenciados, sendo possível coloca-los sob a forma de tenção (conforme Rosenfield) visando a expansão de nosso entendimento sobre a cavalaria na Inglaterra do século XIV.

---

<sup>151</sup>ROSENFELD, Katharina Holzermayr. op.cit. pp.120-121.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar sobre Geoffrey Chaucer transcende a análise de seus contos e a categorização deles em simples grupos. A multiplicidade de temas nos ajuda a compreender um quadro histórico muito amplo da Inglaterra durante o século XIV, referente não apenas à produção literária, mas também sobre as condições políticas do período.

A Inglaterra durante a época de Chaucer foi testemunha de grande pessimismo, externado por seus habitantes e decorrente da Guerra dos Cem Anos e da Peste Negra. A narrativa de Geoffrey Chaucer, no Conto do Cavaleiro e do Escudeiro, não nos deixa clara se há uma influência gritante da convulsão social do período sobre a construção destes dois contos, mas sim influencia para o entendimento dos ideais de cavalaria como pertencentes à um passado anterior à crise do século XIV.

A rica narrativa de Geoffrey Chaucer em seus *Contos da Cantuária* repercutiu não apenas em âmbito de construção dos seus personagens, mas também com influência posterior à sua produção e, por conseguinte, à época de Chaucer em vida. Muitos autores, em especial durante o século XV, utilizaram o nome Geoffrey Chaucer visando adquirir credibilidade para suas obras em um contexto de crescimento da imprensa como veículo difusor de informação.

Devido à utilização do nome de Chaucer como catalisador de boas críticas, o trabalho de muitos historiadores pode ser dificultado no quesito das informações sobre a autoria. Logo, podemos entender que a figura de Chaucer alcançou a consagração como “pai da literatura inglesa” em um período posterior à sua época de produção.

A questão da autoria não pode ficar restrita apenas à problematização sobre tradução utilizada, devendo ser estendida para a reflexão sobre os manuscritos e como estes influenciaram nas traduções. Neste trabalho tornou-se necessário elucidar a composição e as particularidades dos manuscritos que serviram de base para as traduções de Walter William Skeat e Paulo Vizioli: Hengwrt e Ellesmere.

Estes dois manuscritos apresentam diferenças entre si, com por exemplo nos quesitos de escrita, ordem dos contos e recursos estéticos. Baseada em primazia no Ellesmere, de caráter aristocrático, a tradução feita por Walter William Skeat (encarada como consagrada por Vizioli) segue a ordem deste manuscrito e evidencia a abertura da competição de contos com o Cavaleiro, gerando o questionamento se houve ou não um favorecimento aos ideais de cavalaria por parte de Chaucer.

Com as intervenções feitas por Vizioli na versão utilizada em português brasileiro, o entendimento da narratividade pode não ser homogêneo para todos os leitores dos *Contos da Cantuária* neste formato. Partindo deste ponto, foi necessário estabelecer as bases de

compreensão dos personagens inseridos no conjunto da obra, e de como estão configuradas as funções da narrativa de Geoffrey Chaucer.

Os *Contos da Cantuária* não apresentam ações consideradas como mecânicas por parte de nenhum dos peregrinos enquanto estes narram seus contos. No entanto, como foi possível entender a narrativa de Chaucer enquanto fornecedora destes modelos do século XIV? E quais referenciais teóricos foram necessários para suprir esta questão?

Primeiramente foi necessário utilizar o conceito de transmissão manuscrita de Andreia Frazão, visando tomar conhecimento sobre a importância da localização dos manuscritos utilizados por Walter Skeat em seu trabalho e a ordem dos Contos pela qual este autor optou por utilizar. Partindo da ordem dos contos, a reflexão foi direcionada para o referencial teórico utilizado para estabelecer o elo entre literatura e história.

Dois autores despontam como norteadores desta discussão: Andréia Frazão e Roger Chartier. Neste trabalho de conclusão, entendo como equívoco atrelar diretamente as figuras dos personagens com a do autor, não podendo encarar os personagens da obra de Chaucer como reflexo de seu criador.

Logo, é crucial separar a figura do autor de seus personagens, para não incorrerem no erro de entender o autor como um juiz de sua própria obra, o que poderia conferir à narrativa um caráter linear, indo de encontro com a imprevisibilidade e a multiplicidade temática característica dos *Contos da Cantuária*. O intuito de encarar o autor como função do discurso (situado no século XIV), partiu da leitura de Roger Chartier, o que gerou liberdade para o narrador ser entendido como parte ativa da obra, na função de personagem ativo da obra.

O debate de Chartier sobre a inter-relação da História com a Literatura esclareceu as dúvidas sobre como poderia ser entendida esta interação entre História e arte literária. Ao mencionar a negociação entre a “invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam”, Chartier também contribuiu para alçar a literatura como documento de grande importância, não a colocando em uma situação hierarquicamente inferior à História.

Suscitei a questão da ausência de nomes para os peregrinos para iniciar a análise dos contos do Cavaleiro e do Escudeiro de forma mais voltada para suas interações com o coletivo, focando no sentido que carregam, explicitando também suas diferenças. Neste viés aproveitei os princípios teóricos de Katharina Rosenfield, em relação aos modelos possíveis da Idade Média; contudo afirmando que as determinações sociais são realizadas pelos personagens possuindo modelo na sociedade imediata.

Ao longo da realização deste trabalho de conclusão de curso, houve a preocupação acerca da bibliografia que permitisse uma análise consistente da cavalaria na Inglaterra

medieval. Periódicos como *The Chaucer Review*, *Shakespeare Quarterly* e o *Journal of the Midwest Modern Language Association* mostraram-se cruciais para elucidar a relação entre a nobreza cavaleiresca com a literatura romântica do período.

Um dos pontos que procurei destacar acerca dos cavaleiros na Inglaterra, é a mudança significativa de suas relações de trabalho e propriedade. Este tópico decorreu de minha primeira leitura sobre o Conto do Cavaleiro onde surgiu a dúvida: Como está configurada a cavalaria em Chaucer?

A nobreza, representada pelo Cavaleiro e o Escudeiro, encontra-se no âmbito dos *Contos da Cantuária* em situação de grande prestígio, seja mediante renome em batalha (e suas respectivas proezas) ou habilidades que fogem do seu “*skill set*” arquetípico, no caso do Escudeiro. Portanto, tornou-se necessária a explanação da situação da cavalaria anterior ao século XIV, visando a compreensão da situação de alto status sociais dos dois nobres.

O Cavaleiro goza de um período de serviço mais ativo como combatente aliado à um nível considerável de posses, não estando este fator presente em séculos anteriores. Em virtude destas características, optei em problematizar as condições das quais estes combatentes dispunham antes do século XIV, em especial a atividade guerreira sendo sazonal, não havendo exércitos permanentes de caráter nacional, com o constante uso de mercenários, junto com a desorganização dos cavaleiros entre os séculos XI e XII.

Outro fator que chamou atenção durante a leitura dos dois contos é a relação de obediência e disciplina, apresentada em especial pelo Cavaleiro. Este personagem demonstra, conforme citado no Prólogo, intensa lealdade para com seu suserano, estando este ponto em confluência com muitos livros didáticos e materiais voltados para o entretenimento.

Esta característica de obediência está bastante evidente no Conto do Cavaleiro, sob a égide do duque de Atenas, Teseu. Todavia, Cavaleiro e Escudeiro, apesar de disciplinados e obedientes, não demonstram docilidade em todo o conjunto dos *Contos da Cantuária*, o que contribuiu para pensarmos sobre o universo normativo que pautou a cavalaria pela Europa, com ênfase em suas Regras e recrutamento.

Alain Demurger argumenta sobre as Regras para ordens militares europeias acerca das questões excessos retidão. O autor explica que algumas Regras, a exemplo da templária, possui características anti-heroicas, delimitando obrigações adaptadas à prática militar, não permitindo excessos, adotando horas canônicas e renunciando a literatura de cavalaria<sup>152</sup>, com alguns cavaleiros sendo instruídos.

---

<sup>152</sup>DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo. Templários, teutônicos, hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Tradução: André Telles. Jorge Zahar Editor Ltda., Rio de Janeiro, 2002. pp.158-167.

Por conseguinte, nesta análise da cavalaria nos *Contos da Cantuária* os dois membros advindos da nobreza são mais aproximados da cavalaria secular. Mesmo estes dois personagens se destacando em tarefas voltadas para religião cristã (justas e combates contra estrangeiros, por exemplo), ambos possuem recursos que fogem da característica dos monges de tipo militar, como posses (um criado) e roupas pomposas, assim como suas descrições feitas no Prólogo sendo voltadas para um tom mais heroico e galante.

Portanto, não é possível afirmar que Geoffrey Chaucer conseguiu um distanciamento pleno da aventura dos romances de cavalaria com os contos do Cavaleiro e do Escudeiro. Em suma, a proeza ainda pauta a construção do Cavaleiro e do Escudeiro e suas narrativas, estando mais presente os feitos em batalha na apresentação e relato do veterano guerreiro. Tendo este caso em mente, o Escudeiro desponta como personagem que proporciona maior potencial de reflexão sobre a nobreza no século XIV, conciliando características romanceadas como a juventude e a lealdade aliadas à habilidade retórica, lírica e artística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-SALEH, Asaad. *Fate and Discipline. A Comparative Study of The Tale of the Heike and Chaucer's The Knight's Tale*. In: Journal of the Midwest Modern Language Association. Vol. 45, n°1. Midwest Modern Language Association, 2012.

BARR, Jessica; JAGER, Katharine W. *Later Medieval: Chaucer*. In: The Year's Work in English Studies, Annual, 2011, Vol.90. p. 281.

BLAKE, Norman. *The Norman Blake Editions of the Canterbury Tales*. The Multitext Edition. In: [www.chaucermss.org/multitext](http://www.chaucermss.org/multitext). Atualmente indisponível.

CARLSON, David R.. *Chaucer, Humanism and Printing: Conditions of Authorship in Fifteenth Century England*. In: University of Toronto Quarterly, Volume 64, n°2, Spring, 1995.

CHARTIER, Roger. *Literatura e História. Topói*. Vol.1. Ano 1, número 1, 2000.

CHAUCER, Geoffrey. *Os Contos de Canterbury*. Tradução: Paulo Vizioli. São Paulo, Editora 34. 2014.

COUSIN, John William. *A Short Biographical Dictionary of English Literature*. The Project Gutenberg Ebook. In: <http://www.gutenberg.org/files/13240/13240-h/13240-h.htm>. Acesso no dia 10/10/2016.

DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo. Templários, teutônicos, hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Tradução: André Telles. Jorge Zahar Editor Ltda., Rio de Janeiro, 2002.

EDWARDS, A.S.G. *The Ellesmere Manuscript: Controversy, Culture and the Canterbury Tales*. In: Essays and Studies, Annual, 2010, Vol.2010.

FLORI, Jean. *Guerra Santa: Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Campinas, Editora Unicamp, 2013.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Deum circulum, cujus est ubisque, circumferentia nusquam: a Távola Redonda, síntese da utopia cavaleiresca*. In: MONGELLI, Lênia Márcia. *E fizerom taes maravilhas: Histórias de Cavaleiros e Cavalarias*. Cotia, Ateliê Editorial, 2012.

HALLER, Robert S. *Chaucer's Squire's Tale and the Uses of Rhetoric*. In: *Modern Philology*, vol.62, n°4. The University of Chicago Press, 1965. p.286. In: <http://www.jstor.org/stable/436364>. Acesso no dia 22/11/2016.

HOROBIN, Simon. *Adam Pinkhurst, Geoffrey Chaucer and the Hengwrt Manuscript of the Canterbury Tales*. In: *The Chaucer Review*, volume 44, n°4. Penn State University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. *Compiling the Canterbury Tales in Fifteenth Century Manuscripts*. In: *The Chaucer Review*, volume 47, número 4. Penn State University Press, 2013.

JOHNSON, James D. *Walter Skeat's Canterbury Tale*. In: *The Chaucer Review*, volume 36. Penn State University Press, 2001.

KASKE, R. E. *The Knight's Interruption of The Monk's Tale*. In: *ELH*, Vol.24, n°4. The John Hopkins University Press, 1957. In: <http://www.jstor.org/stable/2871956>. Acesso no dia 13/11/2016. p.252.

LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso quotidiano no ocidente medieval*. Editora 70 Lda., Lisboa. 1983.

MEDEIROS, Márcia Maria. *Das contribuições de Geoffrey Chaucer para a literatura e a história*. In: *Fênix*, volume 4, ano IV, n°2. Univeridade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2007.

Online Library of Liberty. In: <http://oll.libertyfund.org/titles/chaucer-the-complete-works-of-geoffrey-chaucer-7-vols>. Acesso no dia 02/11/2016.

PEREIRA, Nilton Mullet. *Fin amour: as condições de existência no mundo medieval*. In: TEIXEIRA, Igor Salomão; ALMEIDA, Cybele Crosseti de. *Reflexões sobre o medievo III:*



Práticas e Saberes no Ocidente Medieval. São Leopoldo, Oikos, 2013. GT Estudos Medievais/ANPUH-RS.

ROSENFELD, Katharina Holzermayr. *A história e o conceito na literatura medieval: problemas de estética*. Tradução: Zilá Bernd. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas*. In: Revista Signum, 2015, volume 16, n.1.

SKEAT, Walter William. *The Complete Works of Geoffrey Chaucer*. Volume 4, segunda edição. Oxford University Press, Londres, 1900. p.8. In: [http://files.s3.amazonaws.com/titles/1227/0465-04\\_Bk.pdf](http://files.s3.amazonaws.com/titles/1227/0465-04_Bk.pdf). Acesso no dia 04/11/2016.

THUILLIER, Guy; TULLARD, Jean. *Cómo preparar un trabajo de história* (métodos e técnicas). Barcelona: Oikos-tau, 1989.

WADIAK, Walter. *Chaucer's Knight's Tale and the politics of Distinction*. In: Philological Quarterly, Vol. 89, 2010.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz na Idade Média (a literatura medieval)*. Tradução: Amálio Pereira e Jerusa Pires Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.